

tomar providências que permitiram a Deus nos resgatar das corrédeiras da vida.

2. Ter Cristo habitando pela fé em nossos corações v. 17. Fortalecidos pelo Espírito Santo podemos confiar plenamente em Jesus Cristo e abrir nossos corações para ele. Estando sempre à porta e batendo, entrou e ficamos arraigados, firmados em seu amor, passando a ter conhecimento e experiência pessoal e profunda, com toda a amplitude do amor de Cristo. Ora, ser fortalecidos pelo Espírito Santo e ter o Filho de Deus em nossos corações nos leva a ser cheios de toda a plenitude de Deus.

VI. DEVEMOS VIVER COMO NOVAS CRIATURAS 4:17-32;
5:1-33;6:1-9

Se temos uma nova vida em Cristo por termos sido regenerados pelo poder do Espírito Santo quando cremos em Jesus como Salvador, precisamos viver essa nova vida. Isso é claro, é límpido como a água. Mas isso só acontecerá a partir de posicionamentos pessoais do crente. Deus não vai obrigá-lo a viver em santificação. Não vai violentar a vontade do ser humano, nem mesmo do convertido. Por isso é necessário que nos despojemos do velho homem e que nos revistamos do novo homem que é criado por Deus em verdadeira justiça e santidade (v. 24).

Nos despiando do velho homem precisamos deixar as coisas do mundo para trás e, nos revestindo do novo homem precisamos praticar as coisas que são de Deus, que foram ensinadas por seu Filho, Jesus Cristo. Precisamos viver assim diante da sociedade, no seio da família, na igreja.

VII. DEVEMOS VIVER COMO SOLDADOS DE CRISTO 6:10-24

Fomos salvos por ele, mas também fomos engajados por ele em uma luta acima da nossa realidade. Uma luta contra as potestades das trevas, mas uma luta com vitória garantida para aqueles que se revestem da armadura de Deus. Uma armadura espiritual para uma batalha espiritual; uma armadura com elementos indispensáveis para quem deseja vencer de fato. Vencer para que o evangelho seja pregado em todo o mundo com clareza, de modo a que todos possam compreender e crer em Jesus como Salvador.

Concluindo, a carta aos Efésios nos aponta, com praticidade e objetividade, para as realidades da nova vida em Cristo e para as atitudes que devemos assumir como crentes em Jesus Cristo, não para que possamos ser salvos, ou para que possamos garantir a salvação, mas para que, como igreja de Cristo, possamos pregar o evangelho por todo o mundo, a toda a humanidade, até que o Senhor Jesus volte.

Apresentação

A carta aos Efésios foi escrita para uma igreja que estava sofrendo influências de uma sociedade corrompida moral e religiosamente. Uma sociedade idólatra, completamente distanciada dos padrões divinos para a humanidade, que se afogava no lamaçal dos interesses financeiros e da falta de moral. Uma sociedade decadente, corrompida, deprimente.

Ao invés de incentivar a igreja a transformar aquela sociedade (no Novo Testamento não existe qualquer texto que incentive uma igreja a trabalhar pela mudança de uma sociedade sem Deus), o apóstolo Paulo escreveu uma carta mostrando as profundas diferenças da vida em Cristo que aqueles irmãos haviam recebido pela crença em Jesus e da vida sem Cristo vivida pela sociedade daquela cidade.

Ao mesmo tempo que mostra as diferenças estabelece conceitos e critérios, ensinando os crentes a viverem uma vida santificada sob todos os aspectos. Também incentiva os crentes a uma vida em Cristo sadia, mostrando as realidades espirituais que fazem parte da nova vida em Cristo.

Por vivermos em uma sociedade muito semelhante à da cidade de Éfeso em que os interesses financeiros imperam, a idolatria se propaga cada vez mais e penetra sutilmente nas igrejas, e a imoralidade penetra nos lares; e pelo fato de as igrejas sofrerem as mesmas influências maléficas que a Igreja de Éfeso, cremos que estes estudos serão de grande valia para a definição de qual seja a verdadeira fé cristã e para solidificação de igrejas naquele que é o nosso único fundamento, Jesus Cristo, nosso Salvador e Senhor.

Sumário

Estudo 1	- A Nova Vida em Cristo	3
Estudo 2	- A Gratidão a Deus e a Oração do Apóstolo pela Igreja	7
Estudo 3	- A Nova Vida em Cristo é uma Vida de Salvação	11
Estudo 4	- A Nova Vida em Cristo é uma Vida na Família de Deus	15
Estudo 5	- A Importância dos Apóstolos para a Edificação da Igreja	19
Estudo 6	- A Unidade da Igreja: Atitudes, Diversidades e Objetivos	23
Estudo 7	- A Unidade da Igreja: A santidade como elemento essencial	27
Estudo 8	- A Santificação Através da Imitação do Padrão Perfeito	31
Estudo 9	- A Santificação Através da Prudência....	35
Estudo 10	- A Santificação da Família	39
Estudo 11	- O Fortalecimento da Igreja	43
Estudo 12	- O Cuidado com os que Pregam a Palavra	47
Estudo 13	- Recordando os Ensinamentos	51

Tiago coloca a fé em primeiro lugar e coloca as obras como consequência da fé. Além disso, o que ele chama de “obras” são atos que manifestam a fé, a confiança na providência de Deus. A prova disso é que ele usa Abraão como exemplo de manifestação de fé pelas obras, citando o fato de ele ter entregado o seu filho Isaque para ser sacrificado crendo que Deus o ressuscitaria dentre os mortos (Tg 2.17-23). A fé de Abraão foi manifestada em uma ação de entrega de seu filho.

IV. SOMOS PARTE INTEGRANTE DO POVO DE DEUS v. 2:11-22

No Antigo Testamento, antigo pacto de Deus com a humanidade, o povo de Deus era o povo de Israel, descendente de Abraão. No Novo Testamento, novo pacto de Deus com a humanidade, o povo de Deus é um novo povo, composto de israelitas arrependidos que creram em Jesus como o Messias, o Salvador prometido por Deus para conceder a salvação, e de gentios (todos os não israelitas) que também creram em Jesus Cristo como o Messias, o Ungido de Deus para conceder a salvação. No sacrifício de Cristo todos os que creram em Jesus, independentemente da sua raça, foram reconciliados com Deus formando um só corpo, um só povo, uma só família de Deus (2:15-19).

Não há mais diferença entre judeu ou grego, entre homem ou mulher, entre oriental ou ocidental. Todos são feitos filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo como Salvador, como único Filho de Deus dado à humanidade. Também não há lugar para se pensar que o povo de Israel, por ser um povo que fora escolhido por Deus, será salvo independentemente de crer ou não em Jesus. Fora do Senhor Jesus não há salvação para quem quer que seja (João 14.6).

V. PODEMOS SER CHEIOS DE TODA A PLENITUDE DE DEUS 3:14-21

Deus é espírito e pode habitar no crente em toda a sua plenitude. O apóstolo Paulo faz referência a essa possibilidade demonstrando o meio através de atitudes divinas e nossas pessoais:

1. Ser fortalecidos com poder pelo Espírito Santo no homem interior

v. 16. Todo o processo de conversão e conseqüente novo nascimento começa com a ação do Espírito Santo no interior do homem, no seu espírito. O apóstolo Paulo utilizou a expressão grega *krataioô* que é traduzida em nossas versões por “corroborados”, mas a palavra tem o significado de “ser feito forte”. Estávamos fracos em nossos pecados, sendo levados pelas corrédeiras do mundo. Fomos fortalecidos pelo Espírito Santo e pudemos tomar providências que permitiram a Deus nos resgatar das corrédeiras da vida.

II. SOMOS SELADOS COM O ESPÍRITO SANTO 1:13,14

Há crentes que não conseguem descansar em Deus no que diz respeito à salvação eterna e, temerosos, crêem que podem perder a salvação se cometerem algum tipo de desvio dos padrões divinos estabelecidos. Assumem uma vida que dizem ser cristã, mas uma vida de temor, de ascetismos, em esforços inúteis ou para receber o Espírito Santo, ou para não perder a presença do Espírito Santo em suas vidas.

São temores e esforços inúteis porque todos os ensinamentos de Jesus a respeito da presença do Espírito Santo em seus servos e da realidade da salvação apontam para uma presença efetiva e constante (p.ex. ver João 14.16) e para uma salvação garantida por toda a eternidade (p.ex. ver João 5.24). E é exatamente a respeito dessa presença constante do Espírito Santo e da garantia da salvação fundamentada no Espírito Santo que o apóstolo Paulo escreve quando diz que o crente em Cristo foi “selado com o Espírito Santo da promessa” e quando afirma que Ele é **o penhor, a garantia, da nossa herança celestial**. Mais adiante o apóstolo reafirma esse ensinamento quando ensina que o crente não deve entristecer o Espírito Santo no qual está selado para o dia da redenção. Ou seja, o crente não deve viver em santificação para não perder a salvação ou a presença do Espírito Santo, mas deve viver em santificação para não entristecer o Espírito Santo que estará nele até o dia da redenção.

III. SOMOS SALVOS PELA GRAÇA DE DEUS 2:1-10

A salvação é uma dádiva de Deus e não uma conquista do homem. Ninguém pode salvar-se a si próprio, por seus próprios meios. Não há trabalho, realização, atividade, obra humana que possa levar o homem à vida eterna. Isso é inquestionável diante dos ensinamentos de Jesus e dos seus apóstolos.

Ninguém pode se gloriar de praticar atos que levem à salvação porque não há nenhum mérito em praticar boas obras porquanto o homem foi criado exatamente para as boas obras. Não fomos criados para o pecado e, portanto, para as obras más, que desagradam a Deus. Por isso, quando o homem pratica uma boa obra não está fazendo nada além do que deveria fazer, não está vivendo além da maneira que foi preparada para viver.

A única coisa que o homem pode fazer para receber graciosamente a salvação é ter fé em Jesus Cristo como o único Filho de Deus que foi dado por ele para conceder a vida eterna a todo o que nele crer. Por isso a salvação é uma graça de Deus que é concedida através da fé.

Alguns argumentam, usando palavras de Tiago, que a fé sem as obras é morta e que, logo, a salvação vem pelas obras. É uma lógica falsa porque

Estudo 1

A NOVA VIDA EM CRISTO

Eféios 1.1-14

Éfeso era a capital da antiga Jônia e, sob o domínio dos romanos se tornara o ponto principal de passagem entre a Ásia e a Europa. De população cosmopolita, era um grande centro comercial no primeiro século e abrigava em seus limites muitos templos de diversas religiões, sendo que o principal, considerado uma das sete maravilhas do mundo antigo, era o templo à deusa Diana.

A igreja de Éfeso era constituída, na sua grande maioria, de gentios, pessoas não judias, adeptas dos mais variados costumes religiosos imorais e idolátricos. Por isso, apesar de ser uma igreja que procurava ser fiel a Jesus Cristo, estava sempre às voltas com questões doutrinárias fundamentais para a vida cristã. Por esse motivo, já na sua saudação inicial, o apóstolo Paulo deixa bem claro que a vida com Cristo é uma realidade pura, sublime, (ele se dirige aos “santos” - *hagios* em grego), que os que dela desfrutam têm Deus como Pai, de quem temos a graça (*charis* no grego, que significa principalmente “aquilo que dá alegria”) vinda da parte do próprio Deus e de nosso Senhor, Jesus Cristo. Ou seja, logo de início se refere a uma vida bastante diferente daqueles que vivem afastados de Deus por não terem a graça divina, nem desfrutam de uma pureza espiritual e nem desfrutam da paternidade de Deus (ver João 1.12).

Na sua saudação o apóstolo descreve realidades da nova vida vivida em Cristo Jesus pelos seus santos, as quais passamos a observar.

1. É UMA VIDA PLENA DE BÊNÇÃOS CELESTIAIS v. 3

O apóstolo Paulo louva a Deus (a expressão grega traduzida por “bendito” é *eulogetos*, derivada de *eulogeo* que significa “celebrar com louvores”) porque ele tem nos abençoado constantemente “com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo”. Isto significa que aos crentes em Cristo não falta nenhuma bênção espiritual porque Deus está sempre abençoando aos seus servos.

Só o que precisa ficar bem claro aqui é que as bênçãos referidas pelo apóstolo são bênçãos primeiramente espirituais e, em segundo lugar, nas regiões celestiais, o que nos faz lembrar do que Jesus afirmou em um momento que antecedia o que pareceria uma derrota aqui neste mundo: que aqui teríamos aflições, mas que tivéssemos bom ânimo porque ele já havia vencido o mundo (Jo 16.33).

Somos assim. Mesmo que padeçamos aflições neste mundo, mesmo que pareçamos derrotados aos olhos de outras pessoas, nós já desfrutamos de todas as bênçãos espirituais em uma realidade fora dessa realidade, na realidade celestial. E precisamos nos lembrar disso para que a nossa esperança esteja sempre voltada para o reino de Deus.

2. É UMA VIDA RECEBIDA DE DEUS POR ELEIÇÃO DELE v. 4-6; 13,14

Eleição é escolha, é fazer seleção (a palavra traduzida por eleição é *eklegomai* que significa *selecionar*). Literalmente um dos motivos pelo qual o apóstolo está louvando a Deus é porque ele **selecionou** seus servos. Essa afirmativa do apóstolo Paulo tem dado margem a erros de interpretação que têm levado, inclusive, à doutrina de que uma pessoa já nasceria selecionada para ser salva ou para ser lançada no sofrimento eterno. Uma doutrina que contradiz vários textos bíblicos, tal como *“Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento” (2 Pedro 3:9)*; ou ainda a afirmativa de Jesus de que o inferno foi preparado para o diabo e seus anjos (Mateus 25.41). Ora se foi preparado para o diabo e seus anjos, não foi para seres humanos. Logo não haveria possibilidade de Deus selecionar pessoas, antes da fundação do mundo, para serem lançadas no inferno.

Mas, por outro lado, é inquestionável, diante deste texto e até mesmo de afirmações de Jesus, que pessoas foram escolhidas, selecionadas por Deus para a vida eterna. Como compreendermos essa aparente contradição? Através de um estudo minucioso do próprio texto, no que diz respeito à eleição, podemos compreender com certa facilidade.

2.1. É uma eleição que tomou forma antes da fundação do mundo.

Mesmo antes de existirmos, Deus em sua onisciência já sabia que a sua criatura, o ser humano, pecaria e se separaria dele, adquirindo a morte para si e ficando impossibilitado de conviver com ele por toda a eternidade, tendo,

Estudo 13

RECORDANDO ENSINAMENTOS PRECIOSOS PARA A VIDA EM CRISTO

Ao longo de onze domingos estudamos a carta do apóstolo Paulo à igreja de Éfeso. Certamente pudemos aprender ou lembrar ensinamentos preciosos para a nossa vida com o Senhor Jesus no que concerne à vida de comunhão com Deus, de participação na igreja de Cristo, de participação na sociedade, em família e de vitórias espirituais contra as hostes malignas.

Neste final de estudos estaremos lembrando ensinamentos que são de grande importância para a vida cristã.

I. SOMOS ABENÇOADOS POR DEUS 1:3-12

Desde a entrada do pecado em seu ser, por causa dos sofrimentos conseqüentes, o ser humano tem procurado bênçãos espirituais para sua vida. Por causa da perda gradativa da comunhão perfeita com o Criador e do afastamento completo de muitas sociedades (ver o ex. de Caim), tem desenvolvido conceitos e práticas religiosas que visam agradar a divindades imaginárias, sempre com o intuito de alcançar bênçãos de seres inexistentes e surrealistas.

Há crentes em Cristo que, oriundos das mais diversas religiosidades, trazem consigo para a nova vida em Cristo pensamentos e costumes que visam, também, a busca de bênçãos espirituais e não se permitem viver a paz, desfrutando do que já possuem. É um exercício de fé descansar em Deus, tendo a convicção de que, por termos depositado a nossa vida nas mãos do Senhor Jesus crendo nele como nosso Salvador, já somos abençoados com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais. É pura manifestação de fé confiarmos plenamente na realidade futura que nos espera reconhecendo que é infinitamente superior às realidades materiais que agora vivemos e vivermos aqui desfrutando do que Deus nos concede, mas descansados em sua providência de salvação que nos alcançou.

toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum.” (Atos 28:30,31)

II. A IGREJA DEVE CUIDAR DOS PREGADORES

PROCURANDO SABER SE PRECISAM DE SOCORRO v. 21,22

O apóstolo Paulo caminha para o final da carta pedindo orações mas, ao mesmo tempo, demonstra um cuidado com a igreja, esclarecendo que a pessoa que provavelmente fosse o portador da carta estaria prestando informações a seu respeito (a palavra traduzida por “negócios” é *kata* que tem o significado de “com respeito”), de suas ocupações e, também, estaria confortando os corações dos irmãos da igreja de Éfeso (devemos lembrar que os crentes daquela igreja amavam muito ao apóstolo Paulo e que na sua despedida derramaram muitas lágrimas Atos 20:36-38).

Das suas palavras finais, apreendemos que uma igreja deve estar atenta às necessidades dos pregadores procurando saber:

1. Informações a respeito do estado físico Paulo estava preso. Poderia estar passando necessidades físicas, poderia estar enfermo, enfraquecido; poderia, também, estar sendo maltratado na prisão. Se o apóstolo se preocupou em enviar notícias que consolassem o coração dos crentes, é certo pensarmos que a igreja estava preocupada e que, de algum modo o apóstolo Paulo soubera disso. Os pregadores do evangelho se dedicam de corpo e alma às suas atividades, podem passar por momentos de grandes dificuldades e, dificilmente ficarão se lamentando ou pedindo ajuda. Confiam em Deus e esperam em Deus. Passam pelas suas dificuldades, sentem as suas dores em silêncio. Mas sentem muita alegria quando os crentes procuram saber e os socorrem sendo usados por Deus.

2. Informações a respeito de suas ocupações O portador da carta informaria o que o apóstolo fazia, em que se ocupava, quais eram suas atividades. Claro que ele estava se referindo às suas atividades de pregador, pois estava preso e não podia se ocupar de outras coisas. Quando uma igreja procura se informar a respeito das ocupações de um pregador do evangelho pode descobrir necessidades logísticas, operacionais, que facilitem o trabalho do pregador.

Concluindo, lembramos que o apóstolo Paulo, escrevendo a sua primeira carta aos crentes da igreja de Corinto, ensinou que “os que pregam o evangelho, vivam do evangelho” (1Co 9.14). Mas, para que possam viver do evangelho é necessário que as igrejas de Cristo cuidem dos que pregam o evangelho. Cuidem orando sem cessar, com verdadeiro amor pela anunciação da Palavra e pelos que necessitam de salvação; e cuidem direta e materialmente, observando as necessidades dos pregadores tanto no aspecto físico quanto operacional.

então, que ser lançado em uma realidade que havia sido preparada para o ser maligno que se rebelou contra ele, o diabo, e para os seus seguidores.

Deus então, em sua soberania absoluta de Senhor de todas as coisas em todo o universo, estabeleceu anteriormente à criação do homem um meio de ele próprio selecionar pessoas que poderiam ser salvas recebendo dele próprio, novamente, a dádiva da vida eterna. E isso foi estabelecido por Deus como uma realidade mesmo antes de nós sermos criados (a isso se chama predestinação, ou seja, destinação anterior).

2.2. É uma eleição que tem um elemento só, e somente um, como fator de seleção.

Observe-se com atenção que o apóstolo Paulo afirma que fomos abençoados em Cristo e logo a seguir afirma que Deus nos escolheu nele (no próprio Cristo). Ou seja, Deus estabeleceu que o Messias, seu Filho Jesus Cristo, seria o fator de seleção de quem seria salvo ou não. E isso é compreensível porque quem escolhe ou seleciona, sempre tem estabelecido um fator de escolha que serve como o elemento que define o que, ou quem será selecionado.

Pois bem, Jesus se declarou esse fator de escolha, principalmente quando afirmou que “Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o seu Filho Unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.” (Jo 3.16) Deixou bem claro que ele é o elemento de seleção estabelecido por Deus, e somente ele, conforme encontramos em 1João 5.12: “Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida.”

2.3. É uma eleição que depende de uma atitude da parte de quem deseja ser escolhido.

Ao estabelecer o seu plano de salvação, em que seu Filho seria o único fator de escolha, Deus preservou sua soberania que lhe dá o poder e o direito de selecionar quem será salvo, mas preservou também o livre arbítrio do homem. Ou seja, um meio em que **o homem é quem daria a Deus a condição de selecioná-lo ou não para ser salvo.**

Isto podemos ver, também, nas claras palavras de Jesus encontradas em João 3.16 “... para que todo aquele que nele (o Filho Unigênito de Deus) crê não pereça mas tenha a vida eterna.” Está claro que a escolha para a salvação pode alcançar a todos, mas que só é selecionado quem crê no Filho de Deus. Ora, crer é uma atitude pessoal, unicamente do ser pessoal que age conforme a sua própria vontade permitindo ou não a si próprio entregar-se

com fé ao Filho de Deus para ter a vida eterna. Isto também está declarado pelo apóstolo Paulo no texto em questão, no versículo 13: “*em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido*”. Para que exista a seleção é necessário que uma pessoa ouça a palavra do evangelho da salvação e creia em seu coração. Um ato individual, de quem está de posse da sua liberdade de escolha.

2.4. É uma eleição que permanece para a eternidade.

As palavras do apóstolo Paulo “*tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa; o qual é o penhor da nossa herança, ao resgate da sua propriedade, em louvor da sua glória.*” (v. 13,14) constituem um dos textos bíblicos que comprovam que a salvação é dada por Deus a quem crê em seu Filho como Salvador e Senhor, de uma vez por todas. Somos selecionados por Deus para sermos salvos no momento em que cremos entregando nossa vida a Jesus Cristo para que ele nos conceda a vida eterna e, nesse momento, recebemos o selo do Espírito Santo que passa a ser a garantia da nossa salvação, do nosso resgate. O penhor é uma garantia concedida em contrapartida de uma dívida. Por causa do pecado tínhamos uma dívida para com Deus, a qual não podíamos pagar de forma alguma. Jesus Cristo pagou o preço, resgatou-nos da nossa dívida e ficamos com uma dívida para com ele que, também, nunca poderíamos pagar. Em seu profundo amor, ao invés de nos cobrar a dívida, nos fez herdeiros do reino de Deus e nos deu a garantia da nossa salvação, selando-nos com o Espírito Santo. Um selo definitivo, que perdurará até o dia da nossa entrada na eternidade (Efésios 4:30).

CONCLUINDO

A vida com Cristo é completamente diferente de qualquer vida religiosa que exista no mundo. Não a conquistamos, mas a recebemos gratuitamente por e através de Cristo depois de termos dado ouvidos à anunciação do evangelho e crido em Jesus como Salvador. Nossa atitude de crença em Jesus permitiu que Deus nos escolhesse e nos guardasse pelo penhor do Espírito Santo para a vida eterna.

alguma coisa fora do que está determinado por Deus porque essa oração será inútil, não será atendida de maneira nenhuma. Também a expressão “súplicas” é fácil de ser compreendida, mas pode ter o seu significado aprofundado se observarmos que a palavra grega utilizada pelo apóstolo foi *deesis*, que tem o significado literal de *indigência, privação, penúria, necessidade, falta*. Ou seja, devemos orar sentindo a necessidade, a indigência espiritual, a privação que temos pessoalmente do poder do Espírito para a realização da missão que Cristo nos deixou.

3. Orações para que a palavra seja dada com clareza v. 19. O apóstolo Paulo sentia o profundo desejo de pregar o evangelho de modo a **torná-lo completamente conhecido** (a palavra que foi traduzida por “notório” ou em outras traduções “conhecido” é *gnorizo* que no grego tinha o significado de “ter completo conhecimento de”). Ele conhecia a Jesus Cristo, tinha profundo conhecimento dos seus ensinamentos, mas conhecia suas dificuldades pessoais, suas limitações e as complicações da mente humana. Por isso não queria falar de si mesmo e sabia que Deus lhe concedia as palavras para pregar. Por isso desejava ardentemente que elas lhes fossem dadas por Deus com **clareza** (a palavra traduzida por “confiança” em algumas versões e “intrepidez” em outras é *parrësia* que era utilizada para significar “confiança, claramente, livremente e creio que pelo contexto “claramente” seja a melhor aplicação) para poder anunciar o que para os homens era um mistério, o evangelho da salvação.

A pregação do evangelho tem que ser tão definida e clara quanto o evangelho. No entanto, o evangelho não tem origem no homem, mas em Deus. É o poder de Deus que visa a salvação da humanidade. Então precisamos orar para que os pregadores recebam do próprio Deus a palavra do evangelho para que possam torná-lo conhecido com clareza em todo o mundo.

4. Orações para que o evangelho possa ser pregado livremente v. 20. O apóstolo Paulo estava preso, mas sabia que era um embaixador de Cristo, que tinha a missão de representar o seu Senhor anunciando a sua palavra. Precisava de liberdade para isso, para poder voltar a percorrer lugares e países falando do evangelho. Mesmo estando preso se esforçava para falar de Cristo e isto podemos ver no livro de Atos, nos textos que narram as suas defesas diante de Félix, Festo e Agripa (24,25 e 26). Uma coisa interessante que também podemos observar é que Deus atendeu ao seu desejo de pregar livremente: Mesmo estando preso, Lucas finaliza o livro de Atos dizendo que “Paulo ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara e recebia todos quantos vinham vê-lo, pregando o Reino de Deus e ensinando com

É este apóstolo de Cristo que, consciente da sua missão de pregar o evangelho e que cria em toda a Palavra de Deus escrita como apontando para a salvação em Jesus Cristo, quem pede para que crentes em Cristo orem por ele, depois de pedir que orem por todos os crentes. Um pedido que manifesta a necessidade que um pregador sente de que a igreja esteja cuidando dele.

Do seu pedido de oração e da sua declaração a respeito do envio de uma pessoa para prestar informações a respeito dele à igreja, podemos inferir alguns cuidados que uma igreja de Cristo precisa ter para com os que pregam a palavra de Deus.

I. A IGREJA DEVE CUIDAR DOS PREGADORES ORANDO POR ELES v. 19

O apóstolo Paulo havia recomendado à igreja que estivesse orando em todo o tempo quando falava a respeito da necessidade de o crente vestir toda a armadura de Deus. Ou seja, a oração foi apontada por ele como elemento importante para estar firme e vencer as astutas ciladas do diabo. Logo em seguida recomenda, ou pede que ore por ele também. O modo de orar e os motivos das orações estão explícitos no contexto.

1. Orações em todo o tempo v. 18. Orações constantes, ininterruptas, para que os dardos do inimigo não atinjam o pregador. Antes de recomendar que os crentes orassem, o apóstolo Paulo havia apontado para a fé como sendo o escudo que pode apagar todos os dardos inflamados do inimigo. A oração é pura manifestação de fé porque, conforme Jesus Cristo ensinou, oramos ao Deus que não vemos crendo que ele ouve nossas orações e que atende conforme a vontade dele. “Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam e a prova das coisas que se não vêem” (Hb 11.1). Quando oramos esperamos firmemente que Deus nos ouça e nos atenda e confiamos que apesar de não vermos Deus ele está nos ouvindo. Por isso devemos ser vigilantes e perseverantes, orando em todo o tempo pelos pregadores do evangelho: Para que ele esteja livre das investidas de Satanás para fazer com que deixe de pregar, ou de ser um pregador. Precisamos estar com o escudo da fé erguido em todo o tempo porque nunca sabemos quando o inimigo lançará o seu dardo inflamado.

2. Orações com súplicas no Espírito V. 18. “No Espírito” é uma expressão relativamente fácil de compreendermos. O apóstolo estaria ensinando que as orações devem ser em conformidade com a pessoa do Espírito Santo no que tange à vontade, ao caráter e ao poder. O Espírito Santo é o Espírito de Deus e a sua vontade, o seu caráter e o seu poder são os mesmos de Deus. Não adianta orarmos por um pregador para que pregue

Estudo 2

A GRATIDÃO A DEUS, E A ORAÇÃO DO APÓSTOLO PELA IGREJA

Eféios 1.15-23

O apóstolo Paulo fora o fundador da Igreja de Éfeso durante o primeiro período de estadia naquela cidade (At 18) e fora também quem trabalhou na sua expansão e na sua confirmação doutrinária durante o segundo período em que residira na cidade entre os anos 55 e 57 (At. 19,20). Em pouco tempo a igreja se expandiu tanto que se tornou o grande centro do cristianismo naquela parte do mundo e abalou o principal culto pagão praticado por seus cidadãos (At. 19.27).

Depois que partiu de Éfeso definitivamente (At 20.25,38), continuou mantendo vínculo com aquela igreja, principalmente através de Timóteo que, conforme relata Eusébio de Cesaréia (His. ecles. III,4), foi o seu primeiro bispo (Eusébio o chama de bispo porque no quarto século, época em que escreveu, o pastor principal era chamado assim).

De sua prisão em Roma (4.1;6.20) Paulo recebeu notícias daquela igreja através de irmãos da Ásia menor, dentre os quais Tíquico, tomando conhecimento de alguns problemas doutrinários mas, acima de tudo, sendo informado da fé em Jesus Cristo e do amor que havia entre aqueles irmãos, levando-o a escrever a sua carta manifestando grande alegria por causa daquela igreja, afirmando que não cessava de orar por ela.

Neste estudo estaremos focalizando os motivos e objetivos da oração do apóstolo Paulo pela igreja de Éfeso, procurando utilizar o seu exemplo em nossas orações pela igreja, e como modelo para copiarmos para a igreja.

I. OS MOTIVOS DA GRATIDÃO

A alegria do apóstolo Paulo é manifestada através de uma declaração de um sentimento seu de gratidão, ininterrupto, para com Deus (a expressão utilizada pelo apóstolo, traduzida por “dar graças” é *eucharisteo* que significa *ser grato, sentir gratidão*, uma palavra derivada de *eucharistos* que significa *grato, agradecido*). Um sentimento que o isentava da soberba e que gerava uma alegria imensa pela realidade de fé completa que a igreja

experimentava. Completa porque existia o sentimento de **fé verdadeira**; uma fé estabelecida, fundamentada somente em Jesus como o Filho de Deus (os judeus dedicavam a designação Senhor - *Adonai* no hebraico e *Kurios* no grego, com referência a YAVHE, Deus e certamente Paulo ao se referir ao Senhor Jesus está se referindo a YAVHE Jesus), e uma fé que gerava amor para com todos os santos, ou seja, para com todos os irmãos em Cristo. Não era uma fé amalgamada ou sincretizada, paralela com a fé que possuíam anteriormente à conversão quando criam em tantas divindades e em tantos elementos religiosos quantos cabiam na imaginação do homem, mas a fé em Jesus.

Observe-se que era uma profunda manifestação de alegria colocada silenciosa e constantemente diante de Deus através de declaração a ele de sentimento gratidão.

II. OS MOTIVOS DAS ORAÇÕES

As orações do apóstolo Paulo eram objetivas, pois ele almejava algo bastante definido. Incluíam um tipo determinado de conhecimento e os meios para que aquela igreja alcançasse aquele conhecimento. Os meios não seriam humanos pois ele próprio e os presbíteros já haviam ensinado e continuavam ensinando àquela igreja. Os meios seriam divinos, como uma dádiva. Paulo pedia a Deus ***que fosse dado o espírito de sabedoria e revelação*** (v. 17,18). Há pessoas que pensam que Paulo estava se referindo ao Espírito Santo, mas isso não é possível pois ele próprio havia se referido ao fato de que os crentes em Cristo já haviam sido selados com o Espírito Santo (1:13). Também há os que pensam que o apóstolo estaria se referindo a um dom do Espírito Santo, que seria o da revelação como pensam hoje os que adotam doutrinas chamadas pentecostais. Mas também não seria assim porque o próprio apóstolo é explícito quando, mais adiante, fala nos dons do Espírito Santo, na própria carta aos Efésios e, também, nas cartas aos Romanos e aos Coríntios, não fazendo qualquer menção de um dom que seria o da revelação.

Na realidade o que o apóstolo desejava para a igreja é que Deus lhe concedesse uma disposição e uma influência (a palavra traduzida por “espírito” é *pneuma* e tem, também o significado de “*a disposição ou influência que preenche e governa a alma de alguém*”) da sua própria parte e conforme o seu supremo conhecimento, que governariam a igreja com sabedoria e através da revelação das coisas relativas à sua vocação, seus objetivos e, também, ao poder de Cristo que estava sobre ela.

Estudo 12

O CUIDADO COM OS QUE PREGAM A PALAVRA

Efésios 1.15-23

A pregação do evangelho de Jesus Cristo é fator essencial para a vida em Cristo. Isto pode ser afirmado levando-se em consideração textos que registram ordens e declarações específicas de Jesus a respeito da pregação. Por exemplo, ele se dedicou à **pregação** enquanto esteve no mundo (Mt 11:1,5); quando reuniu os seus discípulos o fez para que estivesse com ele e para os enviar a **pregar** o evangelho (Mr. 3.14); pouco antes de retornar para o Pai, deixou ordens específicas aos seus discípulos com respeito à pregação do evangelho, ordenando que fossem por todo o mundo e **pregassem** o evangelho (Mr 16:15); falando a respeito do final dos tempos, declarou que o fim só viria depois que o evangelho do reino fosse **pregado** em todo o mundo. Tanto foi assim que os seus discípulos tinham a consciência de que Jesus mandou que **pregassem** o evangelho do Reino (At 10:42).

Além disso, temos também os ensinamentos bíblicos de que a fé em Jesus Cristo só pode existir através do ouvir a Palavra de Deus. Sem fé é impossível agradar a Deus e sem anúncio da Palavra de Deus não pode haver fé. Logo, sem pregação do Evangelho não há possibilidade de o homem agradar a Deus.

A pregação que é importante para o Reino de Deus é a pregação verdadeira, definida pelo próprio Senhor Jesus e seus apóstolos. Certa feita, aprisionado por causa dos judeus e fazendo a sua defesa diante do rei Agripa, o apóstolo Paulo declarou que a sua pregação era específica, que ele não dizia nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz aos judeus e aos gentios (At 26.22,23). O motivo da sua pregação específica também fora declarado dois anos antes, quando no início de sua prisão se defendia diante do governador Félix. Ele disse: “Mas confesso-te que, conforme aquele Caminho, a que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas.” (At 24:14)

confia totalmente em Cristo, é pela fé que o crente confia totalmente na Palavra de Deus, é pela fé que o crente se posiciona no centro da obediência a Deus, mesmo quando Satanás procura afastá-lo, fazendo de tudo para que se desvie da vida cristã

5. A salvação v. 17. A salvação precisa estar na mente do crente. Sua mente precisa estar protegida pelo capacete da salvação, pela convicção da salvação. Sem a cabeça o corpo morre, fica inerte. Sem salvação não há como uma pessoa vencer as investidas do inimigo de nossas almas. Salvos estamos garantidos por Jesus Cristo.

6. A Palavra de Deus v. 17. O único elemento de ataque em uma armadura de um soldado da época de Paulo era a espada. E a Palavra de Deus é comparada exatamente com esse elemento. Ela é como espada de dois gumes e penetra até o fundo da alma humana. Penetra para cortar as amarras do pecado, mas penetra, também, para cortar os enganos, tornando uma pessoa indesculpável diante de Deus. Foi com a Palavra de Deus que Jesus expulsou Satanás da sua presença (ver texto já indicado acima), é através da Palavra de Deus que sabemos da obra redentora do Senhor Jesus Cristo.

7. A oração v. 18. Estar constantemente em oração, suplicando a Deus, vigiando com perseverança, orando por todos os crentes em Cristo, é um meio que auxilia no fortalecimento do crente. A oração é manifestação de fé em Deus, a oração pelos crentes é manifestação de amor fraterno. A fé em Deus e o amor fraterno levam o crente a uma vivência cristã autêntica.

IV. O MOTIVO PELO QUAL HÁ NECESSIDADE DE FORTALECIMENTO v. 11,12

O motivo não é uma luta física, material, como tantos ensinam atualmente. Os pregadores da teologia da prosperidade (que são muitos) ensinam sempre a respeito de uma luta espiritual só que apontam sempre para aspectos materiais. Ou seja, confundem o que é espiritual com o que é material. No entanto, o apóstolo Paulo nos recorda de que não temos que lutar contra seres humanos, mas contra poderes, príncipes das trevas, contra hostes espirituais da maldade; e que essa luta está nas esferas celestiais.

Por isso temos que nos fortalecermos em Cristo, na sua obra de salvação que foi realizada em cada um de nós, no seu poder que é manifestado em nós possuir com segurança. Temos que nos fortalecermos com a armadura que é estabelecida por Deus, com os elementos indicados por Ele próprio, para que possamos resistir e prevalecer contra as hostes espirituais da maldade.

Concluindo, precisamos, cada um de nós, buscar o fortalecimento em Cristo. Confiar na salvação que ele nos concedeu, buscar a verdade e a justiça de Deus, ser prontos para evangelizar, ter fé verdadeira em Jesus Cristo, obedecer à Palavra de Deus e viver orando em todo o tempo. Assim a igreja de Cristo será forte e prevalecerá contra as hostes espirituais, levando a todo o mundo o evangelho da salvação.

O meio através do qual a igreja receberia o espírito de sabedoria e revelação seria a **iluminação**, a luz lançada, sobre o **coração** (no texto original a palavra traduzida em algumas versões por *entendimento* é *kardia*, ou seja, coração). O coração do homem, na linguagem bíblica é a sede dos sentimentos e os sentimentos do homem são obscurecidos pelo pecado, pelas religiões criadas pelos próprios homens, e precisa ser iluminado da parte de Deus. O apóstolo sabia que sem sabedoria divina e sem o recebimento da revelação, vindos da parte de Deus, a igreja teria sua fé deteriorada, enfraquecida ou desvirtuada por sentimentos sem a luz divina e, portanto, nas trevas do pecado Ele sabia perfeitamente que o coração do homem é enganoso (Jeremias 17.9)

Existiam, pelo menos, três coisas que o apóstolo desejava intensamente para a igreja de Éfeso e que eram os motivos das suas orações:

1. Que soubessem qual era a esperança da vocação divina para com aquela igreja - v. 18.

O apóstolo Paulo desejava ardentemente que a igreja de Éfeso **soubesse** (*eido* no grego que significa “experimentar algum estado ou condição”) por uma experiência vinda da parte de Deus qual o verdadeiro **regozijo e expectativa confiante da eterna salvação** (este é o significado da palavra *elpis*, traduzida por “esperança”) mediante o chamamento, a vocação da parte de Deus, também. Não haveria uma vida cristã autêntica se a igreja não experimentasse a alegria da esperança da vida eterna.

Esse desejo do apóstolo Paulo me faz pensar em como há pessoas que estão sabendo apenas de maneira informativa a respeito da salvação, mas como não estão dando lugar ao Espírito Santo para que, através do entendimento das Escrituras e da fé em Jesus Cristo, possam ter a alegria da salvação eterna através de uma conversão. Por isso precisam tanto de motivações que visam provocar uma alegria temporária e artificial, por isso precisam tanto de regras religiosas, para parecerem a si próprias pessoas espirituais e alegres.

2. Que soubessem, também, quais as riquezas da glória da herança divina nos santos - v. 18

Herança no grego é *kleronomia* e significa “propriedade recebida por herança”. Glória é *doxa*, que no Novo Testamento sempre tem o significado de “opinião positiva a respeito de alguém, que resulta em louvor, honra, e glória”. Isto significa que o apóstolo Paulo desejava que os crentes também soubessem, no sentido de experimentarem uma convicção vinda da parte

Deus, a realidade de terem sido feitos filhos de Deus, de terem recebido herança no reino de Deus, de uma maneira positiva e que glorificasse ao próprio Deus. Uma herança que já está nos santos, em cada crente em Cristo e que está no corpo de Cristo que é a igreja.

Esse conhecimento produzirá sempre uma inversão positiva dos valores humanos nos crentes, que passarão a se empenhar cada vez mais por uma realidade infinitamente superior à terrena, o reino de Deus, que está presente em cada crente através da presença de Jesus Cristo, na pessoa do seu Espírito Santo.

3. *Que soubessem qual a transcendente grandeza do poder unicamente de Deus para com os que crêem* - v. 19-23

Para melhor compreensão do versículo 19 precisamos estudá-lo à luz de algumas expressões gregas: “e qual a sobre-excelente (*uperballo* - transcendente) grandeza do seu poder (*dunamis* - poder inerente) sobre nós os que cremos, segundo a operação (*energeia* - poder sobre humano) da força (*ischus*, de *echo*, segurar ou possuir com firmeza) do seu poder (*kratos*, domínio, vigor, força)”. Ou seja, o apóstolo Paulo desejava que aqueles irmãos experimentassem a transcendente (algo além da nossa realidade) grandeza do poder inerente em Deus, um poder que só existe nele, para com os crentes em Jesus Cristo, conforme um poder sobre humano que provém da firme segurança do seu domínio pessoal.

Este poder pode e precisa ser experimentado pela igreja de Cristo, porquanto é o seu corpo (v. 23) e o poder de Deus se manifestou exatamente em Cristo. Deus manifestou o seu transcendente poder: a) na ressurreição de Jesus Cristo; b) na reintegração de Cristo na sua posição celestial (v.20) de reinado supremo e eterno (v.21,22); e na sua constituição como cabeça da igreja (v.22). Ou seja, toda a manifestação do poder de Deus que está em Cristo Jesus ressuscitado e governante de todo o mundo, está também na igreja de Cristo, que o tem como cabeça, como o ser supremo, como mentor, como dirigente.

Uma igreja (e portanto seus membros) que não experimenta o poder de Cristo naturalmente, e procura experimentar poderes próprios ou de outrem, está fora das características de igreja de Cristo e está substituindo o poder transcendente de Deus pelo poder temporal e finito dos homens. Portanto, poder que perece juntamente com os homens e que não ultrapassa os limites humanos.

fortalecerem *na obra poderosa de Cristo que segura com firmeza o próprio crente*. Um ensinamento que é perfeitamente coerente com a afirmativa de Jesus, de que dá a vida eterna às suas ovelhas; que jamais perecerão, e que ninguém as arrebatará da sua mão (João 10.28). Ou seja, aquele que deixou que Cristo realizasse nele a obra da salvação está em Cristo e está seguro firmemente por ele. Resumindo, o crente precisa se fortalecer no Senhor e precisa se fortalecer na segurança da sua salvação.

III. O OBJETO DO FORTALECIMENTO v. 11,13-18

Toda religião sem Jesus Cristo tem objetos de fortalecimento espiritual. Totens, fetiches, seres humanos, animais etc. Em Jesus Cristo não existem objetos físicos, mas existe um só objeto espiritual que é comparado pelo apóstolo Paulo com uma armadura. Um soldado se fortalecia no seu comandante e na segurança de pertencer a um determinado exército. Fisicamente se fortalecia vestindo uma armadura. O crente se fortalece em seu Senhor, Jesus Cristo e na convicção de que já pertence a ele. Espiritualmente precisa vestir uma armadura também, só que espiritual para poder resistir no dia mau; poder lutar de todas as maneiras e continuar firme em sua vida cristã.

Não uma armadura inventada e fornecida por homens, mas uma armadura que lhe é dada da parte de Deus, que é estabelecida por Deus. Os elementos dessa armadura são definidos:

1. *A verdade* v. 14. O crente precisa estar cingido com a verdade. A verdade que é a Palavra de Deus (Jo. 17.17); a verdade que é o próprio Senhor Jesus Cristo (Jo. 14.6). O diabo é o pai da mentira e se o crente não se revestir da Palavra de Deus, dos ensinamentos do Senhor Jesus Cristo, será presa fácil do inimigo.

2. *A justiça* v. 14. Por causa dos seus adversários o salmista pede a Deus que o guie através da sua justiça (Salmos 5:8). Deus é perfeitamente justo; nós somos seres restaurados para sermos, novamente, à imagem e semelhança de Deus. Como não nos vestiríamos da justiça de Deus para nos fortalecermos? Seríamos fortes espiritualmente cometendo injustiças? Certamente que não. A justiça é elemento essencial na armadura de Deus, por isso ela é comparada com a couraça, um peitoral de metal que os soldados utilizavam protegendo o tórax, onde estão todos os órgãos vitais do homem.

3. *A prontidão para a pregação do evangelho* v. 15. A armadura inclui os calçados que dão segurança e mobilidade de deslocamento para o guerreiro. O crente precisa ser ágil na luta espiritual e essa agilidade tem que ser no deslocamento por todo o mundo pregando o evangelho a toda a criatura. Sem a prontidão para a evangelização o crente fica à mercê do inimigo por causa da imobilidade.

4. *A fé* v. 16. A fé é o escudo eficiente para apagar todos os dardos inflamados do inimigo. Não somente alguns, mas todos. É pela fé que o crente

que façam com que o crente fique forte automaticamente, recebendo por causa de um tipo de vivência religiosa, uma força que vem de fora automaticamente. Quem tem que se interessar em ser uma pessoa fortalecida espiritualmente é o próprio crente. Ele tem que se mover nessa direção, tem que buscar o fortalecimento, tem que buscar os meios de se fortalecer. Mesmo que já seja uma pessoa que procure viver em santificação.

II. O ELEMENTO DO FORTALECIMENTO v. 10

Existe, de fato, um elemento que produz força espiritual no crente. Os gregos buscavam força nas suas divindades. Não buscavam força espiritual, mas buscavam força física. No entanto consideravam que o elemento que lhes forneceria força seria um grupo de divindades. Praticantes de religiões pagãs, de um modo geral, pensam assim também. Sempre buscam forças em rituais de magia, em objetos místicos. Querem se fortalecer, buscam o fortalecimento, mas buscam em elementos que não podem conferir força de modo algum.

Se o crente em Cristo deseja o seu fortalecimento espiritual de fato, precisa reconhecer que o único elemento que pode fortalecer é o próprio Senhor Jesus Cristo. Nele está todo o poder (Mt 28.18) e ele capacita o crente com o poder dele. Se nos reportarmos aos seus ensinamentos imediatamente anteriores à sua prisão e condenação, compreenderemos melhor o motivo pelo qual a força nunca será do crente em si próprio, mas será sempre de Jesus Cristo agindo no crente (ver João 15.1-7).

No entanto, no texto o apóstolo Paulo indica duas fontes de fortalecimento em Jesus Cristo:

1. No próprio Senhor Jesus Creio firmemente que ele está se referindo à necessidade de o crente procurar viver segundo o exemplo da pessoa do Senhor Jesus, o que lhe concederia capacitação para ser forte espiritualmente. Poderíamos enumerar aqui muitos aspectos pessoais de Jesus Cristo, mas creio que é bastante nos lembrarmos da sua **obediência** ao Pai (Lc 22.42; Jo. 18.11; Fl 2.8); a sua **firmeza nas Escrituras** (Lc 4.4,8,10); a sua **compaixão** (Mt 15.32); etc. Nos santificamos sendo imitadores de Deus, e nos fortalecemos sendo imitadores de Cristo. Também existe nesse conselho do apóstolo o aspecto, como vimos anteriormente, de o crente procurar estar deixando que a pessoa de Jesus esteja fluindo em sua vida, esteja governando, esteja alimentando-o espiritualmente.

2. Na força do seu poder Parece redundante o que o apóstolo ensina. Mas as palavras utilizadas por ele originalmente, na língua grega, têm significados específicos. “Força” é tradução de *kratos* que tem como principal significado “uma obra de poder”; e “poder” é tradução de *ischus*, palavra derivada de *scheo*, que era utilizada para significar *segurar com firmeza, possuir com firmeza*. Isto significa que o apóstolo estava orientando os crentes a se

Estudo 3

A NOVA VIDA EM CRISTO É UMA VIDA DE SALVAÇÃO

Efésios 2.1-10

O início do segundo capítulo é, na realidade, uma continuação do desenvolvimento da exposição inicial do apóstolo Paulo a respeito de realidades espirituais e da natureza da nova vida em Cristo que ele já vinha apresentando aos crentes da igreja de Éfeso.

Em forma de saudação discursiva, sem que sejam explícitos, ele vai incluindo tópicos que destacam aspectos da nova vida em Cristo, agora com respeito à salvação. De um modo geral ele mostra que a nova vida em Cristo é uma vida de salvação e, especificamente, ele aponta os seguintes aspectos da salvação: a) De que foram salvos (v. 1-3); b) Porque foram salvos (v. 4,5); c) Como foram salvos (v. 6); d) Para que foram salvos (v. 7); e) Através de que foram salvos (v. 8-10).

São aspectos que precisam ser analisados e aplicados à nossa vida cristã, porquanto não somos diferentes dos crentes de Éfeso, tendo sido salvos tanto quanto aqueles irmãos em época tão distante, mas de realidades anteriores à conversão para realidades após a conversão tão idênticas. Além disso, da mesma maneira que precisavam ter uma visão perfeita do que seria a nova vida em Cristo e, mais especificamente, da salvação operada por Deus em sua vidas para que permanecessem uma igreja fiel como corpo de Jesus Cristo, precisamos também ter essa mesma visão, porquanto ainda vivemos tempos em que o mundo continua no maligno e influenciando a igreja, principalmente desvirtuando o aspecto da salvação.

Analisemos, então, os elementos da salvação apresentados pelo apóstolo Paulo.

I. A NOVA VIDA EM CRISTO É UMA VIDA DE SALVAÇÃO DA MORTE - v. 1

Há muitas pessoas querendo ser salvas de muitas coisas e que procuram Jesus com o objetivo de salvação somente dessas coisas e que chegam a “entrar” para igrejas que usam o nome de Jesus. Nos tempos de Jesus aqui no mundo não era diferente. Multidões o procuravam para libertações

espirituais, para cura de enfermidades, para resolução de problemas familiares e, até mesmo, financeiros. Dependendo da fé da pessoa, e mais ainda, da sua própria vontade e conveniência em atendê-las, o Senhor as salvava de alguma coisa ou situação. Mas, receber a salvação da morte crendo nele como Salvador, como Filho de Deus, poucas pessoas aceitaram. Mas Jesus veio para salvar da morte, do sofrimento eterno, do afastamento eterno e definitivo de Deus.

Há algo de muito impressionante na afirmativa do apóstolo: o fato de que o **crente não é salvo da morte futura, porém do estado de morte já no presente de aparente vida**. Quando fomos salvos por Jesus Cristo já estávamos mortos. Isto significa, como veremos adiante, que a salvação da morte não é futura, porém imediata ao momento em que a pessoa crê em Jesus Cristo (ver João 5.24 onde encontramos a afirmação de Jesus de que quem dá ouvidos à sua palavra e, conseqüentemente, crê na providência de Deus, **tem** a vida eterna e **já passou** da morte para a vida).

II. A NOVA VIDA EM CRISTO É UMA VIDA DE SALVAÇÃO DO CURSO DESTE MUNDO - v. 2

O mundo é como um grande rio, cuja correnteza é dirigida para o oceano da perdição eterna, mas uma correnteza que é direcionada pelo maligno, pelo próprio Satanás. É como se ele fosse o engenheiro que vai engendrando meios de o curso estar sempre se movimentando em determinada direção, aperfeiçoando o leito e retirando barreiras para que ele nunca sofra interrupção.

Nesse curso está a humanidade que segue o maligno, como corpos mortos sobre corredeiras que são levados inertes, sem qualquer condição de escape por suas próprias forças. Está assim por causa da desobediência a Deus que permite a operação do maligno direcionando suas vidas cada vez mais e cada vez com mais eficiência em levá-los à perdição.

Os crentes em Cristo foram salvos dessa situação terrível, foram resgatados por quem está de fora da humanidade e que tem todo o poder para intervir nesse curso inexorável e retirar dele aqueles que não mais andarão segundo o maligno, mas segundo a vontade de Deus.

III. A NOVA VIDA EM CRISTO É UMA VIDA DE SALVAÇÃO DOS NOSSOS PRÓPRIOS DESEJOS - v. 3

Os filhos da ira são mortos espiritualmente, mas não são mortos fisicamente. Por isso tendem sempre para os próprios desejos da carne e dos pen-

Estudo 11

O FORTALECIMENTO DA IGREJA

Efésios 6:10-18

Há um estranho conceito “evangélico” nos dias de hoje, o de que santificação é igual a poder. Prega-se, ensina-se e canta-se constante e insistentemente que quanto mais a igreja se santifica mais poder ela tem contra as hostes malignas. Um conceito estranho sob dois aspectos: primeiramente não existe na Bíblia nenhum texto que estabeleça que o crente em Cristo será, de alguma forma, detentor de um poder pessoal; em segundo lugar porque não existe nenhum texto que afirme que, em a igreja se santificando, será detentora de um poder sobrenatural. Ao contrário, o que vemos no texto de Atos 1 e 2 é o Senhor Jesus ordenando que os seus discípulos permanecessem em Jerusalém até que recebessem o poder que viria sobre eles. Não para eles, mas sobre eles e sem exigir qualquer tipo de exercício religioso para que acontecesse a manifestação do Espírito Santo.

O que podemos perceber no texto é que o apóstolo Paulo dedica quase toda a extensão da sua carta para orientações a respeito de santificação e, chegando ao final, dedica-se a orientações específicas a respeito do fortalecimento da igreja, demonstrando que a santificação é um aspecto da vida em Cristo e que o fortalecimento é outro aspecto.

Com referência a esse fortalecimento da igreja, observamos no texto que o apóstolo aponta para os seguintes aspectos do fortalecimento: a responsabilidade pessoal do crente se fortalecer; o elemento de fortalecimento; a maneira de o crente se fortalecer; e o motivo pelo qual há necessidade de fortalecimento.

Estaremos analisando estes aspectos.

I. A RESPONSABILIDADE PESSOAL DO FORTALECIMENTO

v. 10

O apóstolo estava escrevendo para a igreja e, logicamente, se preocupava tanto com a santificação da igreja, quanto com o seu fortalecimento. Mas é necessário reconhecermos que tanto um como outro foram apontados por ele como sendo de responsabilidade pessoal. Quem se santifica é o crente, quem se fortalece também é o crente. Não existem rituais e comportamentos religiosos

Concluindo podemos dizer, com base nas Escrituras, que uma família só viverá em paz e harmonia e só conseguirá cumprir o seu papel de célula mater da sociedade conforme idealizada por Deus, se estiver procurando adequar-se aos princípios econômicos perfeitos estabelecidos por Ele. Fora dos princípios de Deus a família sempre encontrará sofrimentos, sempre será desajustada e sempre influenciará maleficamente a sociedade como um todo. Infelizmente influenciará maleficamente, acima de tudo, as igrejas de Cristo, levando-as a desajustamentos sociais que prejudicarão, por certo, a ação de anúncio do reino de Deus neste mundo.

Lembre-mo-nos sempre que as igrejas de Cristo são formadas por pessoas, mas que as pessoas fazem parte de famílias e que, também, a sociedade de um modo geral é formada por pessoas, mas que as pessoas fazem parte de famílias e que, quanto mais saudáveis as famílias, mais saudáveis as igrejas e a sociedade de um modo geral.

As inversões de papéis, o desrespeito aos pais e aos filhos sempre hão de desestruturar a família e, como consequência, sempre hão de desestruturar qualquer segmento da sociedade. E cabe aos crentes em Cristo a luta pela busca do padrão ideal para a família e essa busca começa pelo abandono dos conceitos do mundo e pelo apego aos ensinamentos de Cristo e seus apóstolos.

samentos da carne, tendendo sempre para o mal. O apóstolo Paulo, escrevendo aos crentes da Galácia, fala sobre as obras da carne e naquela enumeração vemos que são sempre pecaminosas e que são naturais de quem não herdará o reino de Deus (Gal. 5.19-21).

Por termos, na vida anterior, a natureza de filhos da ira, ou seja, da condenação imposta por causa do pecado, nunca poderíamos nos salvar por nossas próprias forças ou raciocínios pois tanto nosso corpo quanto nossos pensamentos eram maus. Precisamos ser salvos, resgatados, da nossa própria vontade que por natureza era corrompida pelo pecado.

IV. A NOVA VIDA EM CRISTO É UMA VIDA DE SALVAÇÃO POR CAUSADO AMOR DE DEUS - v. 4

O único motivo da salvação de uma pessoa é o grande amor de Deus pela humanidade. Jesus afirmou que “Deus amou o mundo”. Um amor universal do Criador para com a criatura. Um amor que é imensurável e que só pode ser palidamente vislumbrado através do seu próprio sacrifício em doar seu único Filho para ser sacrificado por cada um de nós. Para percebermos um pouco da grandeza do amor de Deus, precisamos pensar na grandeza do seu Filho: Rei dos reis, Senhor dos senhores, criador e sustentador de todas as coisas, Todo-poderoso, que foi dado pela humanidade.

Um amor que foi manifestado enquanto ainda estávamos mortos em ofensas e pecados. Não depois de o homem se redimir, mas antes, pois foi exatamente através da salvação em Jesus Cristo que pessoas foram redimidas dos seus pecados. Não foi por mérito de ninguém, não foi por amor de qualquer pessoa, mas foi unicamente pelo grande amor de Deus.

V. A NOVA VIDA EM CRISTO É UMA VIDA DE SALVAÇÃO ATRAVÉS DA RESSURREIÇÃO COM CRISTO - v. 5,6

Como poderíamos ser salvos tendo uma natureza deteriorada pelo pecado? Não havia qualquer meio de sermos “reformados” ou, como alguns gostam de dizer, “restaurados”, porque sempre a velha natureza, o velho homem seria o nosso âmagô e, como a consequência do pecado é a morte, sempre estaríamos destinados à morte como pagamento do nosso pecado. Poderíamos ter uma vida aparentemente boa, de excelente dedicação religiosa, mas nossos corações nos levariam diretamente à perdição eterna. O único meio seria morrermos para pagarmos nossos pecados e revivermos em uma nova vida. Mas como fazer isso se morrendo iríamos para a perdição?

Deus solucionou o problema de uma maneira que só ele poderia idealizar e executar: O seu Filho morreu por nós pagando o preço do nosso pecado, condenando o pecado na nossa carne (Rm 8.3); mas também ressuscitou por nós dando-nos uma nova vida, um novo nascimento que nos resgatou do curso deste mundo, da nossa natureza, da nossa vontade marcada pela carnalidade.

De alguma maneira estabelecida por Deus esse mistério da morte com Cristo e ressurreição com Ele, está no ato do batismo quando assumido e praticado por uma pessoa que crê em Jesus Cristo como o Filho de Deus, como Salvador (Rm 6.1-6). Foi o próprio Senhor Jesus quem declarou: “Quem crer (no evangelho) e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.” (Marcos 16:16)

VI. A NOVA VIDA EM CRISTO É UMA VIDA DE SALVAÇÃO PARA A ETERNIDADE - v. 6

Pensar na salvação concedida por Jesus somente para este mundo, ou pensar na salvação somente para o futuro, é ter uma visão completamente distorcida do que seja a nova vida em Cristo. Pessoas que crêm em Jesus somente para este mundo são destinadas à perdição eterna, mesmo que vivam a proferir o seu nome, ou a orar em seu nome, ou a congregar em igrejas que levam o seu nome. Pessoas que crêm em Cristo somente para a eternidade são pessoas tristes, que deixam de desfrutar ainda aqui a alegria da salvação, do serviço a Deus, de viver sob os seus cuidados por terem se tornado seus filhos (Jo 1.12).

O apóstolo Paulo afirma que Deus já fez com que os ressuscitados com Cristo se assentem juntamente com ele (Jesus) nos lugares celestiais. Ou seja, o lugar preparado nos céus já é uma realidade tão marcante que já estamos com Cristo assentados, colocados, nos céus.

VII. A NOVA VIDA EM CRISTO É UMA VIDA DOADA ATRAVÉS DA FÉ EM JESUS - v. 8-10

A fé é o único elemento que move a misericórdia de Deus para doar a vida eterna a qualquer pessoa. Não as obras, as realizações sociais e religiosas, mas a fé e somente a fé em Jesus Cristo. Se a vida eterna é uma doação, quem a conquistasse, se vangloriaria e praticaria pecado. Além disso, se vangloriaria por que, se o homem foi feito exatamente para as boas obras? Quem age bem, não faz mais do que a sua obrigação.

Resumindo o que estudamos, podemos afirmar com base nas Escrituras que a nova vida em Cristo é, essencialmente, uma vida salva por Deus, através do sacrifício de seu único Filho, Jesus Cristo, mediante a fé que é depositada somente nele. Uma vida de salvação deste mundo, que coloca o crente no rumo da vida eterna.

Então, diante desse quadro caótico da estrutura familiar, o apóstolo procura mostrar aos filhos convertidos, que foram resgatados daquela realidade distanciada de Deus, que viviam agora uma nova vida em Cristo, que eles precisam mudar de atitudes. Ele aponta para três atitudes entre pais e filhos que deveriam ser observadas tanto por uns quanto por outros:

1. Os filhos devem ser obedientes aos pais - v. 1. Ele explica o motivo: isto é justo. É uma questão de justiça os filhos se colocarem em escala inferior na hierarquia familiar. Os pais geram os filhos, os pais sustentam os filhos, os pais educam os filhos. Filhos não são seres para nascerem e crescerem fora de uma estrutura familiar e, conseqüentemente, social, como seres completamente independentes. Também não são os pais quem devem obedecer aos filhos, porém os filhos aos pais. Isso é o que tem que ser.

2. Os filhos devem honrar ao seu pai e à sua mãe - v. 2,3. Honrar significa conferir honras, dar crédito, reconhecer merecimento, distinguir com honrarias, dignificar, enobrecer, estimar, respeitar, acatar, venerar. O apóstolo repete o décimo mandamento de Deus e, tal como está no mandamento não discute situações em que o filho deve honrar, mas apenas indica a necessidade de se prestar honras. Outra coisa interessante é que não é prestar honras a um ou a outro, nem aos dois como se fossem um só, mas a cada um de per si, com suas individualidades, com suas personalidades e manifestações pessoais. Mas ele continua citando o mandamento, informando o resultado da honra prestada ao pai e à mãe: viver bem e viver muito tempo sobre a terra.

3. Os pais devem criar os filhos na doutrina e admoestação do Senhor - v. 4. Na vida anterior, antes do novo nascimento, os filhos eram criados nos costumes pagãos e deixavam que fossem conduzidos pelo mesmo curso do mundo que os conduzira e que os conduzia até o encontro com Cristo. Mas agora tinham a responsabilidade de criar os filhos em uma doutrina santa, perfeita, com admoestações também perfeitas, que eram as do Senhor Jesus.

Hoje ficamos bastante preocupados quando pais crentes deixam seus filhos à mercê do mundo, dos seus conceitos e religiosidades distanciadas de Deus, para crescerem sem a doutrina do Senhor Jesus. Alguns dizem que os filhos devem crescer livres para escolherem quando chegarem à idade de compreensão. Não percebem que o mundo que jaz no maligno influencia ostensivamente arrastando os filhos para a perdição. Ora, se o mundo influencia, não é melhor que os pais influenciem para o conhecimento da verdade? Afinal é a vida eterna dos filhos que está em jogo.

Santificada e purificada, a mulher tem tudo para ser gloriosa, santa, sem mácula. E, naquela sociedade pervertida pelo pecado, não era exatamente do que a mulher precisava para poder honrar seu marido? Ela precisava se separar daqueles costumes extremamente pecaminosos, ela precisava ter uma vida purificada daqueles costumes imorais e ilícitos segundo os padrões divinos para a família.

1.3. Quem é a cabeça deve sustentar e cuidar de quem é subordinado v. 29-31. A cabeça cuida do seu corpo. É o marido quem deve sustentar e cuidar da esposa. Ele precisa ser o provedor e precisa estar imbuído do sentimento de cuidado para com a esposa. Mesmo que a esposa sinta a necessidade de participar do sustento da família, ou desenvolva atividades que a realizem profissionalmente, o dever principal de sustentar a família é do marido e a mulher será sempre uma auxiliadora. E se a esposa for uma mulher temente a Deus, tiver a consciência de que Deus estabeleceu uma estrutura familiar para a felicidade e funcionamento ideal da própria família, deverá sempre reconhecer que é assim, em qualquer circunstância de vida.

1.4. Quem é subordinado precisa respeitar quem é a cabeça v. 33. Creio que essa era a principal questão do relacionamento da mulher para com o marido: A falta de respeito. A mulher desrespeitava seu marido não reconhecendo sua posição hierárquica superior; desrespeitava se entregando a outros homens nas suas práticas religiosas. A mulher crente precisa agir de maneira inversa. Ela precisa reverenciar, tratar com deferência, precisa **temer** agir de maneira danosa para o marido (esse é o significado da palavra *fobeo* que foi traduzida por *respeitar* e que deu origem à palavra *fobia* na língua portuguesa).

II. O RELACIONAMENTO ENTRE PAIS E FILHOS - 6:1-4

Como já fizemos referência na introdução, o relacionamento familiar entre pais e filhos na cidade de Éfeso era completamente fora dos padrões estabelecidos por Deus para uma família santificada. Os adultos desprezavam as crianças que nem eram contadas como pessoas, que poderiam ser abandonadas para morrerem à míngua; e que, entre os mais abastados, eram criadas pelos aios, escravos educadores, que as conduziam até a idade adulta, costume que fazia com que os filhos não desenvolvessem relacionamentos afetivos com os pais. Além disso, os filhos cresciam observando os comportamentos imorais dos pais aos quais se acostumavam com naturalidade e cresciam envolvidos ou aceitando práticas religiosas e sociais completamente imorais, distanciadas do padrão divino.

Estudo 4

A NOVA VIDA EM CRISTO É UMA VIDA NA FAMÍLIA DE DEUS

Efésios 2.11-22

Depois de fazer a introdução da carta manifestando sua alegria com a igreja de Éfeso, fazendo referência às realidades da nova vida em Cristo Jesus e expondo a maneira como aqueles irmãos foram salvos, através da fé em Jesus Cristo por meio da graça de Deus, o apóstolo Paulo passa a fazê-los lembrar, com base na **salvação pela graça, na ressurreição, e na elevação imediata no tempo presente aos lugares celestiais em Cristo Jesus**, que estão pertencendo agora a um novo povo, a uma nova família distinta de toda a humanidade, a família de Deus. Uma família íntima, pertencente à mesma casa, ligada pelo mesmo sangue de Jesus Cristo.

O apóstolo, em sua lembrança aos crentes de Éfeso, faz referência a alguns aspectos dessa família que precisam ser observados para que o crente e, conseqüentemente, a igreja de Cristo possa ser edificada “para morada de Deus em Espírito.”

I. A FAMÍLIA DE DEUS É FORMADA POR PESSOAS DE TODAS AS NAÇÕES - v. 1,14,15

Talvez fique difícil para o leitor perceber neste texto a referência a uma família formada por pessoas de todas as nações. Mas isso fica mais fácil quando observamos que o apóstolo Paulo está fazendo referência aos gentios e aos Israelitas e que para os judeus, gentios eram todos os outros povos da terra que não eram o povo formado por Deus. Ou seja, para os judeus só existiam na terra os israelitas e os gentios.

Certamente que os crentes gentios de Éfeso estavam enfrentando um problema muito comum a todas as igrejas daquela época: judeus convertidos estavam insistindo com eles que, para se tornarem povo de Deus, precisavam se tornar judeus através da circuncisão. Certamente, também, que isso acirrava os ânimos naquela igreja formada em sua maioria por gentios que resistiam tenazmente à idéia de se tornarem judeus. E, é certo, ainda, que isso tirava a paz daquela igreja e daqueles irmãos individualmente, que terminavam distanciados uns dos outros.

A lembrança de que em outro tempo eram gentios de fato, sem esperanças de salvação pois estavam sem Cristo e sem Deus no mundo (v. 12) faria com que vissem com mais perfeição que agora viviam uma nova realidade e, certamente, os fortaleceria para enfrentar as provocações que se manifestavam da parte dos judeus. Era uma realidade ultrapassada. O que importava, de fato, era o presente. Por isso o apóstolo Paulo escreve: “Mas **agora** em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto.” (v. 13)

Como pode a família de Deus ser formada por todos os povos, se no Antigo Testamento ele havia formado um único povo seu? Eis alguns aspectos dessa universalidade familiar em Deus:

1. A família de Deus é formada de pessoas de todos os povos porque Cristo derrubou a parede de separação - v. 14

Antes de Cristo **havia um muro** de separação entre o povo de Deus e os outros povos. Um muro estabelecido pelo próprio Deus que não queria que seu povo fosse contaminado com as iniquidades dos outros povos e se extinguísse antes de cumprir o seu papel de veículo da vinda do seu Filho ao mundo. Um muro que foi ampliado gradativamente pela inimizade de outros povos para com o povo de Deus e do povo de Deus para com outros povos. Um muro que nunca poderia ser derrubado por iniciativa humana, já que a inimizade era crescente fazendo com que o ódio sempre prevalecesse. Um exemplo dessa impossibilidade humana de romper o muro, da sua própria parte e com seus próprios esforços, está na história do profeta Jonas que resistiu à ordem divina de evangelizar os ninivitas. Ele construíra um muro de ódio tão impossível de transpor por si próprio que não queria, de forma alguma, que aquele povo se salvasse. Mas Cristo veio e derrubou o muro, abrindo a possibilidade de união entre judeus e gentios que se tornam crentes em Jesus Cristo.

2. A família de Deus é formada de pessoas que, dentre todos os povos, se uniram em Cristo Jesus - v. 15

O ponto de união, que agiu contra a inimizade entre judeus e gentios, foi a própria encarnação do Senhor Jesus. Ele veio do povo judeu, mas ele se fez carne sem a participação em qualquer tipo de raça humana. Ele foi gerado pelo Espírito de Deus e, qualquer que nele crer é novamente gerado pelo Espírito Santo, tornando-se um novo homem que nem é judeu nem é gentio. É nascido de novo, feito filho de Deus por adoção, participante do novo povo de Deus.

estabelecidos por Deus para que a hierarquia familiar possa funcionar perfeitamente. Toda organização humana requer hierarquia e toda hierarquia deve ser estabelecida para o perfeito funcionamento da organização. Na hierarquia familiar é assim também.

Os padrões apontados pelo apóstolo, para que a hierarquia familiar seja eficiente na sua função estabelecida por Deus, são os seguintes:

1.1. Quem é a cabeça deve amar o seu corpo v. 25-33. Ao formar a família, Deus estabeleceu o marido como cabeça da mulher até mesmo formando a mulher a partir do corpo do marido. O apóstolo Paulo estabeleceu uma co-relação entre o casamento e a relação entre Cristo e a igreja e comparou o fato de o marido ser a cabeça da mulher com o fato de Cristo ser a cabeça da igreja. Ora, Jesus Cristo, para formar a sua igreja, entregou a sua própria vida, entregando-se por aqueles que viriam a ser o seu corpo espiritual no mundo. Isso significa que o marido deve amar a sua esposa com um amor tão profundo, tão verdadeiro, a ponto de fazê-lo entregar a sua própria vida pela sua mulher (v. 25). Não seria difícil para uma mulher ser subordinada a um marido que a amasse tão profundamente quanto Cristo amou sua igreja, a menos que não aceite de fato os padrões divinos para a sua vida.

1.2. Quem é a cabeça deve amar com objetivos que visam o bem estar de quem é subordinado - v. 26,27. Continuando sua comparação do relacionamento do marido com a mulher e de Cristo com a Igreja, o apóstolo Paulo aponta para uma finalidade definida do amor de Cristo pela sua Igreja, conduzindo o pensamento dos maridos também a uma finalidade do seu amor pelas suas esposas. A finalidade do amor de Cristo pela sua igreja é apresentá-la a si mesmo de maneira gloriosa e santa. Da mesma forma a finalidade do marido em amar a sua esposa deve ser a sua apresentação a si próprio como ser glorioso, santo, pleno da beleza que lhe é natural.

Para alcançar seu objetivo, o Senhor Jesus se entregou por ela a fim de que fosse:

a) Santificada - O Senhor Jesus desejou que a sua noiva, a igreja, fosse separada para ele próprio, como ser divino. Ora, um marido deve amar a sua esposa desejando, também, que ela seja santa, separada para ele próprio, como marido.

b) Purificada - Jesus Cristo purificou a sua igreja pela sua palavra. O marido deve procurar purificar a sua mulher e nunca lançá-la no lamaçal do pecado.

I. A ESTRUTURA FAMILIAR QUANTO AOS CONJUGES

Creio que não foi sem razão que o apóstolo Paulo dedicou tantas linhas da sua carta para enfatizar esse aspecto da estrutura familiar. Certamente havia muita confusão sobre quem deveria ocupar o lugar principal na hierarquia familiar. Note-se que o apóstolo inicia dirigindo-se às mulheres admoestando-as a **se colocarem hierarquicamente sob a liderança** (a palavra que é traduzida por “sujeitai-vos” ou “sejam submissas” em outras versões, é *upotasso* que significa “organizar sob, subordinar”), dos **seus próprios** maridos (onde se lê “vosso marido”, na realidade o apóstolo Paulo utilizou a expressão *idios aner* que significa *homem que lhe pertence*, ou *marido que lhe é próprio*) deixando-nos a clara interpretação de que estava bastante preocupado com uma situação de anomalia familiar que estava instalada naquela sociedade e que penetrava na igreja.

Por que Paulo faria isso? Certamente que as mulheres não se sujeitavam aos seus esposos, não os reconheciam em posição hierárquica superior a elas e, pelas palavras do apóstolo, eram capazes de se colocar sob a liderança de outros homens, mas não de seus maridos. Interessante que o apóstolo não lança críticas, mas se limita a ensinar como devem se comportar. Talvez por compreender o motivo social e religioso de as mulheres se comportarem assim. Viviam em uma sociedade em que a população, na sua maioria absoluta, cultuava um deus feminino (Diana era a deusa - Atos 19.23-29) e no culto à deusa existiam muitas sacerdotisas que, logicamente por sua posição de destaque religioso, ocupavam lugar de destaque na sociedade. Ou seja, por causa da religião predominante a mulher ocupava lugar hierárquico superior na sociedade e, conseqüentemente, no casamento também.

Mesmo convertidas, as mulheres mantinham seus costumes adquiridos desde a infância, em suas criações dentro de seus lares e na sociedade. Mas precisavam mudar, precisavam usar a prudência, a inteligência, o entendimento para compreenderem que há uma estrutura definida para o casamento.

Como era de seu feitio, o apóstolo Paulo admoesta as mulheres a se subordinarem a seus maridos, reconhecendo uma ordem hierárquica dentro do casamento, mas logo em seguida apresenta argumentos que as levem à compreensão do motivo pelo qual devem se subordinar: ***O marido é a cabeça da mulher*** v. 23-24. Para fazer a comparação da hierarquia ele se utiliza do modelo hierárquico da Igreja, comparando o casamento à relação que existe entre Cristo e a sua igreja. Ora, se o marido e a esposa são

II. A FAMÍLIA DE DEUS É FORMADA POR PESSOAS RECONCILIADAS COM DEUS - v. 16-18

Para Deus o homem ideal sempre teria dois tipos de relacionamentos perfeitamente pacíficos e conciliados: O relacionamento com ele próprio, o Criador; e o relacionamento com o semelhante, também criado por ele.

O pecado desfez a paz e a conciliação com Deus e com o semelhante. Conforme o apóstolo Paulo estava demonstrando, Jesus Cristo veio e fez a paz entre aqueles que foram justificados do pecado através do seu sacrifício, transformando-os em irmãos por serem feitos filhos de Deus. Mas Jesus Cristo não derrubou somente o muro de separação entre seres humanos; ele também se fez a ponte de reconciliação entre Deus e o homem e, dessa forma, fez da nova criatura que crê nele, novamente o homem ideal para Deus, agradável a ele (ver novamente cap. 1, vers 6).

Eis alguns aspectos dessa reconciliação com Deus que são apontadas pelo apóstolo:

1. A família de Deus é formada por pessoas reconciliadas pelo sacrifício de Jesus - v. 16.

Não são as pessoas que se reconciliam com Deus por si só, mas é Deus quem as reconcilia consigo próprio, através do sacrifício do seu Filho (a referência à cruz é referência ao sacrifício de Jesus). Reconcilia aquelas pessoas que se deixam lavar dos pecados, que se deixam justificar pelo sangue de Jesus. Tanto judeus quanto gentios só são reconciliados com Deus se depositarem a sua fé no sacrifício de Jesus, o Filho de Deus. Não há judeu que agrade a Deus sem crer no seu Filho, e não há pessoa de qualquer outra nação que agrade a Deus sem crer, também, em Jesus Cristo. Não importa a sua cultura, a sua religiosidade. Para ser reconciliada com Deus, precisa crer no sacrifício de Jesus.

2. A família de Deus é formada por pessoas reconciliadas pela anunciação do evangelho - v. 17.

Pessoas que estão perto de Deus ou pessoas que estão longe dele precisam ser evangelizadas para que possam ser reconciliadas com ele. Precisam ser evangelizadas com o mesmo evangelismo que Cristo praticou, com o mesmo evangelho que Cristo pregou. Sem ouvir o evangelho não pode haver fé verdadeira em Jesus. Sem fé em Jesus não há salvação. Sem salvação não há justificação. Sem justificação não há reconciliação.

III. A FAMÍLIA DE DEUS É EDIFICADA EM JESUS CRISTO

v. 20-22

Toda família precisa de uma base primária a partir da qual vem a se desenvolver. A família de Deus não é diferente. É uma família que tem uma base perfeitamente sólida e que se edifica a partir dela. Uma base perfeita, poderosa, que não permite que essa família se desfaça diante de tempestades, de vendavais espirituais. Uma base tão sólida que não permite que os participantes dessa família sejam enganados e levados à perdição.

Pode-se reconhecer essa família pela sua base e pela sua edificação a partir dessa base. A família de Deus tem o seu Filho como pedra principal, de esquina, que dá as diretrizes horizontais e verticais para aqueles que vem sendo edificados nele. Ele dá o prumo e dá o esquadro da edificação. Ele dá as diretrizes para nos relacionarmos com Deus e dá, também, as diretrizes para nos relacionarmos com nossos semelhantes, testificando da salvação.

Os apóstolos e os profetas são apontados pelo apóstolo Paulo como sendo o fundamento sobre os quais a família de Deus é edificada. Mas ele diz que Jesus Cristo é a principal pedra de esquina. Os profetas e os apóstolos se fundamentaram em Cristo e se nos fundamentamos neles, estamos nos fundamentando em Cristo também.

Hoje existem muitos grupos que se dizem cristãos e que se denominam das mais variadas maneiras. São igrejas, comunidades, assembléias, paróquias, sociedades religiosas etc. Todas se arvoram participantes da família de Deus e há, até mesmo, os que pregam que todos os que se denominam cristãos deveriam se unir em uma só família. Ora, se pregam que devem se unir é porque existe desunião. Se existe desunião é porque não existe um só fundamento. Como poderemos discernir quem são os participantes da família de Deus? Como poderemos discernir se somos participantes da família de Deus? Só há um método infalível: Se estivermos alicerçados somente em Jesus Cristo, nos seus ensinamentos e nos seus mandamentos.

Se assim for, se estivermos alicerçados em Jesus Cristo, certamente que, como igreja, seremos feitos templo espiritual como igreja de Cristo, seremos feios morada de Deus no Espírito.

Estudo 10

A SANTIFICAÇÃO DA FAMÍLIA

Efésios 5:22-33; 6:1-4

A família é uma instituição divina, constituída por Deus segundo critérios estabelecidos por Ele. A igreja é constituída por pessoas que, por sua vez, fazem parte de famílias. Isto significa que a deturpação dos padrões estabelecidos por Deus para a família afeta, também, a igreja e o seu grau de santificação.

Nos tempos em que o apóstolo Paulo escreveu sua carta à Igreja de Éfeso, as estruturas e os padrões familiares do mundo gentio eram completamente distanciados do ideal divino. A homossexualidade masculina e feminina era praticada com naturalidade e, até mesmo, exaltada; o desrespeito dos filhos para com os pais, e até mesmo o ódio, eram uma constante; o desprezo para com os filhos chegava às raias do abandono destes, quando recém nascidos, para morrerem à mingua; a prostituição religiosa feminina e masculina levavam milhares de pessoas às profundezas da degradação moral sob o manto protetor religioso; e os servos que se dedicavam aos afazeres domésticos não tinham qualquer poder sobre sua própria vida, que pertencia aos seus senhores que, na maioria das vezes os maltratavam física e moralmente.

Era desse contexto de destruição familiar que gentios se convertiam e passavam a fazer parte da igreja de Cristo, trazendo consigo profundas marcas psicológicas, sociais e comportamentais que, certamente, prejudicavam todo o aspecto sagrado do corpo de Cristo. Então, com a clara finalidade de conduzir os crentes a uma vida familiar santificada, de acordo com os padrões estruturais estabelecidos por Deus, o apóstolo Paulo aponta para atitudes que santificam a família, separando-a dos padrões do mundo. E, a primeira atitude que percebemos nitidamente no texto é o de que há necessidade de um reconhecimento consciente da existência no lar de **uma hierarquia estabelecida por Deus quando instituiu a família**. É sobre esse reconhecimento e atitudes derivadas dele, que discutiremos a seguir.

tocar ou bater a corda, vibrar as cordas de um instrumento musical, de modo que ressoem suavemente; tocar num instrumento de corda; tocar, a harpa, etc. Muita coisa interessante pode ser comentada aqui, mas é bastante notarmos que há referência a toque de instrumentos santificado, dedicado de coração ao louvor de Deus e, queiram ou não, de maneira que ressoem suavemente, com solenidade. É propício lembrarmos aqui que a Bíblia está repleta de referências à solenidade requerida por Deus na observação de dias de descanso santificados e de reuniões santificadas a Ele (ver p.ex. Êxodo 31:15; Êxodo 35:2; Levítico 16:31; Levítico 23:3; Levítico 23:24; Levítico 23:32; Levítico 23:36 ; **Isaías 1:13** “*Não continueis a trazer ofertas vãs; o incenso é para mim abominação, e também as Festas da Lua Nova, os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade associada ao ajuntamento solene.*”; **Lamentações 1:4** “*Os caminhos de Sião estão de luto, porque não há quem venha à reunião solene;* todas as suas portas estão desoladas; os seus sacerdotes gemem; as suas virgens estão tristes, e ela mesma se acha em amargura.” **2 Timóteo 2:14** “*Recomenda estas coisas. Dá testemunho solene a todos perante Deus,* para que evitem contendas de palavras que para nada aproveitam, exceto para a subversão dos ouvintes.”).

Tanto o cântico quanto o toque instrumental devem ser de coração, mas não somente isso, porque devem ser canções sacras, canções de louvor a Deus, ao nosso herói Jesus Cristo, ao Conquistador que nos libertou do império do mal (*hymnos* significa “canção de louvor aos deuses, heróis, conquistadores; canção sacra”)

3. De gratidão a Deus em nome do Senhor Jesus Cristo (v.20) - O Espírito Santo é de Deus, é também de Jesus Cristo. É razoável o fato de que Ele só terá espaço em nosso ser, e, portanto, só poderá “crescer” em nosso ser, se formos humildes estando sempre gratos a Deus, em nome de Jesus Cristo, por tudo o que ele fez e tem feito em nossa vida. A soberba, o sentimento de exigência de algo da parte de Deus, é fator de esvaziamento do Espírito Santo. Deus resiste ao soberbo, mas dá graça ao humilde. Se o “crente” for soberbo, cheio de si mesmo, se ele crê que é merecedor das bênçãos divinas, não precisará da atuação do Espírito Santo em sua vida.

4. De igualdade com os irmãos no temor de Cristo (v. 21) Ou seja, de vida de comunhão que tem como padrão o temor de Cristo. Se cada um se sujeitar ao outro, dentro dos padrões de Cristo, ninguém será maior, ninguém se sentirá melhor, ninguém procurará colocar cargas sobre os irmãos em Cristo.

Concluindo, a santificação também é produto da prudência em buscar a sabedoria na vida cristã, o conhecimento da vontade de Jesus Cristo para a nossa vida, e o enchimento do Espírito Santo através de uma vida de adoração verdadeira a Deus e de comunhão com os irmãos em Cristo.

Estudo 5

A IMPORTÂNCIA DOS APÓSTOLOS PARA A EDIFICAÇÃO DA IGREJA

Efésios 3

No texto imediatamente anterior ao que estaremos examinando agora, o apóstolo Paulo escreveu demonstrando que os crentes são da família de Deus e, logo a seguir, afirmou que essa família é edificada sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, do qual Jesus Cristo é a principal pedra de esquina. Comparou essa família a um edifício que, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor e que há uma edificação de crentes para morada de Deus no Espírito. Logo a seguir fez referência ao seu apostolado voltado para a edificação da igreja e de como, através dele, a igreja recebeu a revelação que ele próprio recebera do Espírito, reafirmando novamente a sua constante oração pela igreja de Cristo.

O que podemos perceber nesse texto é que o apóstolo Paulo está se incluindo no corpo dos apóstolos que citara anteriormente e que, sem ostentação, está fazendo referência à importância do seu apostolado para com aquela igreja. Não uma importância isolada nele, mas uma importância por causa de um apostolado tão importante e tão dependente de Jesus Cristo como dos outros apóstolos.

Por isso estaremos estudando não somente a respeito da importância do apostolado de Paulo para a igreja de Éfeso, mas do apostolado de todos os doze apóstolos para com todas as igrejas de Cristo, nas quais nos incluímos com a graça de Deus.

Vejamos, então, alguns aspectos dessa importância.

I. OS APÓSTOLOS SE FIZERAM PRISIONEIRO DE CRISTO POR CAUSAS DAS IGREJAS - v. 1

O apóstolo Paulo, em particular, se fizera prisioneiro de Cristo por causa dos gentios, daqueles crentes que não eram judeus. Outros apóstolos se fizeram prisioneiros de Cristo por causa de outros crentes, mas a verdade é que todos os doze viveram para Cristo e, na sua vivência para ele, viveram para as suas igrejas com o propósito de ensinar o que Jesus lhes ensinara durante o seu ministério aqui no mundo.

Mas o que isso significa para nós, como igreja do Senhor Jesus Cristo? Significa, principalmente, que os ensinamentos dos apóstolos são fidedignos, são verdadeiros. Sendo voluntariamente prisioneiros de Cristo nunca ensinariam segundo seus próprios sentimentos ou segundo seus próprios pensamentos. Eram apóstolos-discípulos de Cristo e queriam fazer discípulos de Cristo e não de si próprios. Sendo servos não desejavam o senhorio, porém desejavam que outros servos fossem tão fiéis quanto eles próprios procuravam ser de Jesus.

Hoje encontramos vários sistemas de discipulado sendo desenvolvidos em agrupamentos religiosos que se denominam igrejas, mas esses sistemas estão completamente distanciados do modelo dos apóstolos, porque os discípulos desses sistemas procuram ser mestres e, em sendo declarados mestres por outros homens, procuram fazer discípulos de si próprios. Não são prisioneiros de Cristo, mas querem aprisionar Cristo para os seus interesses pessoais e, aprisionando Cristo, querem aprisionar pessoas que desejam seguir após Cristo.

II. OS APÓSTOLOS RECEBERAM A REVELAÇÃO DO MISTÉRIO DE DEUS - v. 2-12

Os apóstolos foram homens privilegiados pois receberam diretamente de Cristo tudo o que ensinaram às igrejas que foram sendo formadas pela ação do Espírito Santo através da evangelização dos que se iam convertendo. Hoje há homens soberbos que se investiram de um pretensão apostolado e que, tendo se investido, como se tivessem autoridade para isso, investiram outros, formando um cartel de ostentação e soberba que se fundamenta em declarações pessoais de revelações supostamente do próprio Senhor Jesus Cristo. Mas tudo isso é sinal da apostasia que se instalou nas igrejas. A Bíblia aponta para a existência somente dos doze apóstolos que foram chamados diretamente por Jesus e que receberam dele próprio a revelação dos mistérios de Deus.

Há algumas características desse mistério de Deus que foi revelado aos apóstolos de Cristo que precisamos observar:

1. O mistério foi compreendido e transmitido por escrito - v. 3,4

O apóstolo paulo faz referência ao que escrevera anteriormente a respeito de como Deus providenciou um método justo de escolha dos que seriam salvos (1.3,4); de como já predestinara os que seriam escolhidos por crer em Cristo para serem filhos adotivos (1.5); de como fez os crentes em Cristo agradáveis a si (1.6); de como Deus se propusera em si mesmo tornar a

II. ENCHIMENTO DO ESPÍRITO SANTO (v. 18-21).

Novamente encontramos uma contradição entre o que o apóstolo Paulo ensina e o que pessoas que se dizem cristãs ensinam nos tempos atuais. Ensina-se largamente que o enchimento do Espírito Santo é resultado de atividades religiosas tais como jejuns, períodos prolongados de orações pessoais, ou de orações de líderes religiosos. Pessoas são convidadas para reuniões intensivas de orações, para cultos de vigílias exaustivos e desgastantes emocionalmente sob o pretexto de que estarão sendo cheios, repletos do Espírito Santo.

No entanto, o apóstolo Paulo mostra que é prudente o crente santificar-se daquilo que produz um prazer artificial e conseqüências desastrosas pela produção de uma vida descontrolada (*asotia* traduzido por “dissoluções”, mas que tem significado de “vida dissoluta”, “descontrolada”), mas não somente santificar-se disso, porém buscar o enchimento do Espírito Santo. Ou seja, não somente ter uma vida de abstinência do que é dissoluto, mas ter uma vida ativa de busca do enchimento do Espírito Santo. E ensina que **o caminho para esse enchimento é através:**

1. De uma convivência santificada com os irmãos em Cristo (v. 19). “Falando entre vós com salmos” é um conselho a nos comunicarmos de maneira completamente oposta ao que o apóstolo apontou anteriormente, quando disse que não deveriam existir conversações indecentes, galhofeiras, zombeteiras na igreja. Os Salmos são textos poéticos que foram produzidos na presença de Deus, até mesmo como profecias que vieram de Deus, em linguagem sadia. É claro que não vamos formar uma sociedade fora dos padrões normais, onde as pessoas só falariam em poesias. Não é isso que o apóstolo está ensinando. Temos que compreender o sentido figurado. Ele está ensinando a conversarmos com expressões agradáveis, que possam ser proferidas diante de Deus.

2. De adoração sincera e verdadeira (v. 19). O apóstolo Paulo divide a adoração em duas manifestações: **o cântico e o toque dos instrumentos.**

a) O cântico tem que ser para o louvor de Deus. Ele utilizou a palavra *ado* que significa “cântico para louvor de alguém”. Alguém de maneira definida. É prudente o crente santificar a sua adoração, destinando o seu cântico somente ao louvor de Deus. Hoje pessoas que pregam o enchimento do Espírito Santo estão entoando cânticos românticos, de louvor ao ser humano, de louvor ao relacionamento conjugal, como se fosse um meio de adoração a Deus. Estão enganados e enganando a muitos.

b) O toque dos instrumentos tem que ser dedicado ao louvor de Deus. Novamente temos que buscar o sentido real na palavra original no grego. O apóstolo utilizou a palavra *psallo* que significa primariamente *tirar, arrancar* (o que traria o significado, dentro do contexto, de “tirar do coração”) e secundariamente *fazer vibrar pelo toque, produzir som agudo ou metálico,*

I. SABEDORIA v. 15-17

A sabedoria perfeita é um dos atributos de Deus. Somos à imagem e semelhança de Deus e, necessariamente, devemos buscar a sabedoria. Aliás, buscar a sabedoria é o princípio da própria sabedoria (Prov. 4.7). A sabedoria anda junto com a prudência e a prudência junto com a sabedoria. Em Provérbios 9:10 lemos que “O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria, e o conhecimento do Santo é prudência.” E encontramos nos versículos 15 a 17 dois aspectos essenciais para os quais o crente deve voltar a sua sabedoria:

1. A remissão do tempo Ao ensinar que o crente deve viver remindo o tempo, o apóstolo utilizou a palavra grega *exagorazo* que tem como principal significado “redimir”, no sentido de “resgatar do poder de outro pelo pagamento de um preço”. Não quis dizer somente que devemos aproveitar o tempo da melhor forma possível como se ele já pertencesse a nós, mas disse que devemos aproveitá-lo da melhor forma possível tomando-o de volta para nós, através de um preço que devemos pagar. E o preço é, certamente, nos desvencilharmos de tudo o que é de natureza maligna que domina o nosso tempo, que nos atrai por causa da nossa própria tendência a darmos lugar ao velho homem e por causa das tentações que nos cercam. Ou seja, os tempos são maus, deteriorados pelo homem que vive no pecado. Devemos ocupar o nosso tempo com coisas boas, aprovadas por Deus e não com coisas que são características do maligno.

2. A compreensão da vontade do Senhor Jesus (v. 17) - Há uma inter-relação de oposição entre a falta de inteligência, de razão (*afron* traduzido por “insensatos”) e compreensão da vontade do Senhor Jesus. O crente que é prudente busca a sabedoria da compreensão de qual sejam os ensinamentos do Senhor Jesus. O imprudente se deixa levar pela falta de inteligência e não se importa em compreender o que Cristo deseja para a sua vida. Simplesmente se deixa levar pelas correntezas dos pensamentos religiosos humanos e pelas correntezas dos seus próprios pensamentos, como se ainda estivesse à mercê das correntezas da vida sem Deus.. É aquele crente falto de inteligência que, ao ser apresentado a algum ensinamento ou ordenança do Senhor Jesus responde “mas eu não penso assim”, ou simplesmente não faz caso algum e continua vivendo como deseja. Mas é, também, aquele crente falto de inteligência que deseja viver uma vida cristã calcada em emotividades e não procura buscar o conhecimento dos ensinamentos de Jesus.

A santificação autêntica só acontece na vida do crente quando ele busca o conhecimento da vontade do Senhor Jesus. Fora disso não há santificação real. Há tabus religiosos, há opressões religiosas, há religiosidades sem consequências reais para a vida com Cristo.

congregar todas as coisas em Cristo (1.10); de como o poder de Deus está sobre a sua igreja (1.19); de como Deus nos ressuscitou juntamente com Cristo e nos fez assentar nos lugares celestiais (2.4-6); e de como a salvação é operada graciosamente naquele que tem fé em Jesus Cristo (2.8-10). Faz referência como sendo um mistério porque até Jesus Cristo todos os pensamentos religiosos eram completamente diferentes do que o Senhor ensinara; porque a salvação ensinada por todos os povos era realizada através da conquista humana e porque a salvação não envolvia restauração universal, nem participação na família divina, nem herança celestial alguma. E para os judeus, não haveria a existência de uma só família formada por judeus e gentios.

O que se faz interessante na palavra do apóstolo Paulo é que ele faz questão de afirmar que havia nele a compreensão do mistério. Não fora um mistério somente revelado que fora recebido como um pacote fechado, mas foi recebido, aberto em sua mente e compreendido em sua razão. E essa compreensão foi escrita, ficando registrada de maneira perfeita e compreensível não somente para aquela igreja e para aquela geração, mas para todas as igrejas e gerações que se seguiriam até o final dos tempos.

Que importância há nisso para nós, igreja de Cristo de hoje? A importância é que o mistério de Deus já foi revelado aos apóstolos, já foi compreendido e está escrito, não cabendo nenhuma adição ou subtração e não carecendo de nenhuma compreensão adicional. Sendo compreendido e escrito, permanece para sempre e corrobora para a fundamentação das igrejas nos ensinamentos dos apóstolos. A importância é que qualquer igreja que buscar outro fundamento ou ficar buscando receber revelações de mistérios, estará fora dos padrões de Cristo e estará por responsabilidade própria.

2. O mistério foi revelado pelo Espírito Santo aos apóstolos e profetas - v. 5-8

O apóstolo Paulo é muito claro em afirmar que o Espírito Santo revelou aos apóstolos e profetas e em afirmar que essa revelação era específica, referente à universalidade da salvação através do evangelho de Jesus Cristo e sempre através do evangelho, do qual ele fora constituído ministro, ou servidor.

Toda a revelação do Espírito Santo está nas Escrituras, foi transmitida aos apóstolos e profetas e é focalizada especificamente no evangelho de Jesus Cristo. Todas as mistificações modernas a respeito de revelações individuais a homens ou mulheres que se dizem apóstolos ou profetas é

falácia, é mentira, é invenção de homens. Até mesmo porque fogem completamente da verdade do evangelho de Cristo.

3. O mistério é demonstrado através da igreja - v. 9-12

O mistério de Deus não ficou só na compreensão humana e não ficou somente registrado na escrita, mas ele foi e continua sendo demonstrado na prática, através da igreja de Jesus Cristo. A igreja é o corpo de Cristo, um corpo que é formado universalmente por pessoas de todas as raças e tribos, que são transformadas, ressuscitadas, salvas pela graça de Deus através de Jesus Cristo, formando uma só família.

Além disso, o mistério de Deus revela a sua multiforme sabedoria e essa sabedoria se faz conhecida até mesmo nos céus através da igreja de Cristo que tem como Senhor o mesmo Senhor do reino dos céus e que tem no Senhor o acesso direto a Deus como têm as potestades nos céus.

III. OS ASPÓSTOLOS INTERCEDERAM PELAS IGREJAS DE CRISTO - v. 14-21

Temos um intercessor perfeito que o próprio Senhor Jesus Cristo. Mas as igrejas, como corpos de Cristo, como famílias de Deus, tiveram homens que se fizeram prisioneiros de Cristo e que se colocaram de joelhos diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo para interceder por elas. Não intercessões por indivíduos de per si, mas pelas igrejas como corpos de Cristo.

Intercederam com objetividade:

1. Pela confirmação do poder do Espírito Santo - v. 16. Sem o poder do Espírito Santo as igrejas sucumbiriam e os apóstolos sabiam disso. Por isso desejavam ardentemente que o poder do Espírito de Deus estivesse sempre no interior de cada membro da igreja.

2. Pela compreensão perfeita do amor de Cristo - v. 17-19. O amor de Cristo excede todo entendimento, mas a igreja pode conhecê-lo em toda a sua dimensão se entregar-se a ele completamente.

3. Pela glória de Deus em sua igreja - v. 20,21. A glória de Deus se manifestava no seu Templo quando ele aceitava o culto. A igreja de Cristo edificada torna-se o templo de Deus no Novo Testamento e é na sua igreja que a sua glória se manifesta. Não em templos suntuosos, ou em igrejas formadas por conceitos religiosos e ações humanas, mas em igrejas fundamentadas nos apóstolos e profetas, cuja pedra principal é Jesus Cristo.

Estudo 9 **A SANTIFICAÇÃO ATRAVÉS** **DA PRUDÊNCIA NA VIDA CRISTÃ**

Efésios 5:15- 33

Quase sempre se pensa na santificação como algo sobrenatural e, em parte é realmente. A conversão acontece primeiramente pela ação do Espírito Santo que convence o pecador da sua própria situação de aprisionamento do pecado, da situação pessoal de injustiça para com Deus, do destino à perdição eterna pelo juízo de Deus (João 16.8) e depois pela ação do Espírito Santo de produzir um novo nascimento naquele que crer em Jesus (João 3.5). Sabemos que esse novo nascimento é um ato divino de separação para si, para o reino do seu Filho (Colossenses 1.13) daquele que creu em Jesus, e que essa separação é uma santificação inicial (*agiasmos* de *agiazó*, que significa “separar das coisas profanas e dedicar a Deus; purificar, limpar externa e internamente pela renovação da alma”). Por isso fica sempre o conceito de que santificação é sempre uma questão sobrenatural e, por isso também, há muitos crentes que já foram regenerados, que já receberam a nova vida em Cristo e que, bem intencionados, ficam a orar, pedindo sempre que Deus os santifique.

No entanto, o apóstolo Paulo vem demonstrando, ao longo da sua carta, que há uma santificação inicial e momentânea (Efésios 1,8; Efésios 2.1 etc), mas que deve haver, também, uma santificação constante na vida do crente (Efésios 4.1 etc). Essa santificação constante e crescente é mostrada como uma responsabilidade do crente em Cristo e não como ações divinas sobrenaturais em nossas vidas.

Já estudamos a respeito de uma atitude interior que, se vivenciada por nós crentes em Cristo, nos leva a uma vida de santificação, a imitação de Deus. Mas o ser humano não é um ser irracional, que deva imitar por imitar, por instinto somente, sem raciocínio. Creio que por isso, logo a seguir o apóstolo indica a necessidade de **nos conduzirmos com prudência** através da vida cristã (a palavra traduzida por “andais”, no versículo 15 é *peripateo* que significa “conduzir-se pela vida”). E apresenta alguns aspectos como sendo resultado da prudência, a saber:

uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus; porque a maioria dos ricos vivem para o dinheiro e não vivem com o dinheiro.

O crente precisa rejeitar esse tipo de atitude. Se ele tem uma situação mais abastada, deve reconhecer que tudo pertence a Deus e que ele é somente administrador do que Deus lhe concede, nunca permitindo que o dinheiro fique em um patamar de veneração. Se o crente não tem situação abastada, mas tem uma vida tranqüila, equilibrada, tendo o seu sustento condigno, viva como Deus lhe concedeu que vivesse. Se desejar ter mais, faça o propósito de sempre colocar o reino de Deus acima de todas as coisas, lembrando-se de que “quem é fiel no pouco, será fiel no muito; e quem é infiel no pouco, será infiel no muito também” (Lucas 16.10).

Deus criou todas as coisas e não as serve, porém faz com elas o sirvam.

3. Devemos rejeitar não sendo companheiros dos que vivem nas trevas (v. 7-13). Companheiro, aqui, tem o sentido de participar junto (*summetochos*), e não significa que devamos nos isolar de todos os não crentes, tornando-nos seus inimigos. Isso seria deixar de brilhar no mundo com a luz de Cristo. O que está sendo ensinado é que o crente não deve ser participante das coisas rejeitadas por Deus que os não crentes praticam. Não deve ser participante de qualquer coisa que desagrada a Deus.

O motivo de não sermos companheiros dos que vivem nas trevas está no fato de que somos luz no Senhor e de que devemos andar, viver, como filhos da luz, aprovando somente o que é agradável ao Senhor. Como pode um filho da luz participar de um culto das trevas? Um culto idolátrico, um culto de feitiçaria? Como pode participar de orgias sexuais, de rodas de galhofas imorais? Como pode participar de quaisquer coisas que provêm da maldade, da injustiça e da mentira? (v. 9) Como poderia mesmo que somente aprová-las? Não estaria se comportando como imitador de Deus, de forma alguma.

O crente precisa viver de uma forma incomunicável com as obras das trevas, com as suas realizações pecaminosas (v. 11). Nós queremos produzir o fruto do Espírito e as obras das trevas são infrutuosas; nós devemos imitar a Deus e as obras das trevas são rejeitadas por Deus que manifesta a sua ira sobre os filhos da desobediência (v. 6). O que é feito pelos que insistem em viver nas trevas é tão terrível que não se deve nem mesmo fazer referência, porque é vergonhoso. O que é realizado nas trevas é condenado pela luz (v. 12) e nós somos filhos da luz.

Concluindo, o crente precisa estar sempre despertando (*egeiros*, no tempo aoristo que tem o significado de uma ação constante), viver acordado, alerta; o crente precisa estar sempre se levantando de entre os mortos (*anistemi*, também no tempo aoristo), de entre aqueles que na realidade não têm a vida, para que a luz de Cristo possa resplandecer nele, como filho de Deus, como filho da luz.

Estudo 6
A UNIDADE DA IGREJA:
Atitudes, diversidades e objetivos
Efésios 4:1-16

Até agora pudemos perceber com bastante clareza que o apóstolo Paulo escreveu uma carta aos crentes de Éfeso, preocupado principalmente no que concerne ao conhecimento e à prática da nova vida que receberam de Jesus Cristo através da fé nele, por meio da graça de Deus, que estabeleceu um plano de salvação seletivo mesmo antes da fundação do mundo. Um conhecimento não somente intelectual mas, também, experimental do poder de Deus sobre a igreja, que colocou seu Filho como cabeça dela.

Uma das preocupações que é patente desde o início da carta é relativa à visão da igreja como um corpo e como uma família universal, sem barreiras raciais, conhecendo o amor de Cristo e cheia da plenitude de Deus (3.15-19). E no capítulo 4 essa preocupação vislumbrada nas entrelinhas e alguns textos bastante incisivos, é transformada em instruções a respeito de uma característica essencial para que a igreja seja saudável como corpo de Cristo e, sendo saudável, para que possa crescer em espiritualidade, santificação e conhecimento: **a unidade**.

Sabedor, porém, da tendência humana que leva o homem a desejar que todos sejam unidos em torno de si próprio e que adotem os padrões estabelecidos ou criados por ele mesmo, certamente observando o exemplo dos judeus que se diziam convertidos e se inseriam nas igrejas de Cristo, o apóstolo define as atitudes que possibilitam a unidade; faz questão de registrar as diversidades de capacitações e, logicamente, de ações geradas pela concessão de dons pelo Espírito Santo, e aponta para a meta e os objetivos do crescimento.

Isto significa que ao estudarmos o capítulo 4 da carta aos Efésios, não estaremos estudando somente a respeito da unidade da igreja, mas a respeito de vários elementos que cooperam para a formação da unidade, e de outros que são alcançados através da unidade.

I. A UNIDADE DA IGREJA REQUER ATITUDES PESSOAIS DOS CRENTES - v. 1-3

É comum ouvirmos crentes preocupados com a unidade da igreja de Cristo pedindo orações para que seja uma realidade em determinadas igrejas, ou afirmando que ora sempre por esse motivo.

Eu creio que essa preocupação é louvável pois a percebemos no próprio apóstolo Paulo e, acima de tudo, no Senhor Jesus Cristo. Mas também é necessário reconhecer que a unidade só acontecerá de fato se os crentes assumirem, cada um por si próprio, atitudes pessoais que permitam a unidade. E essas atitudes são enumeradas pelo apóstolo Paulo:

1. Humildade. No grego é utilizada a palavra *tapeinophrosune* que significa “*ter opinião humilde de si mesmo, com moderação*”. Ora, se um crente tem uma opinião humilde de si próprio nunca se ocupará com esforços para parecer mais importante que outros, ou para fazer com que pessoas adotem seus pensamentos próprios como se fossem os melhores, ou os que deveriam ser adotados por todos.

2. Mansidão. No grego, *praotes*, que significa *gentileza, bondade*. É uma atitude que leva a pessoa a ouvir, pensar, analisar, evitar confrontos violentos, o que coopera para a convivência pacífica, inteligente e cooperadora entre seres humanos. Devemos nos lembrar aqui do Provérbio: “*A resposta branda desvia o furor; mas a palavra dura suscita a ira.*” (Provérbios 15:1)

3. Longanimidade. Tolerância, lentidão em punir, é o significado dessa palavra que registra outra atitude imprescindível para a unidade da Igreja de Cristo. Atitudes contrárias, de intolerância e prontidão para punições imediatas, são elementos de grande importância para gerar desunião, inimizades, incompatibilidades. É a tolerância que nos faz suportarmos uns aos outros, principalmente a tolerância por amor.

4. Paz. No grego *eirene*, que significa *convivência harmoniosa*. A harmonia na convivência cristã gera unidade, porque requer reconhecimento de diferenças porém com reconhecimento de interações. A harmonia não é igualdade, mas é a união das desigualdades formando um panorama harmonioso na sua totalidade. Conforme o apóstolo Paulo demonstra, é o vínculo que possibilita a guarda da unidade do Espírito.

Essa unidade do Espírito será demonstrada logo a seguir pelo apóstolo Paulo, quando faz referência aos diferentes dons do Espírito Santo.

impudícia que é uma expressão um tanto quanto vaga para o propósito do escritor sacro. A segunda é *akartasia* que tem o significado de *impureza física proveniente de desejos sexuais*. Devemos lembrar que os cultos pagãos exaltam a prática de todo tipo de impureza sexual e que os crentes de Éfeso eram originários de religiões que praticavam cultos orgíacos em nome de suas divindades. Por isso ele diz que as práticas sexuais depravadas não deveriam nem mesmo ser referidas nominalmente na igreja, entre os crentes.

Hoje em dia seria diferente? As práticas sexuais impuras não estão entrando cada vez mais em nossas mentes e sendo cada vez mais exaltadas pela humanidade e, infelizmente, em nosso meio chamado cristão? Creio que devemos aceitar o conselho do apóstolo e devemos fazer esforço para rejeitar tais impurezas em nossas vidas e, principalmente, na igreja de Cristo, até mesmo porque nenhum *pornos* (palavra grega que faz referência ao que pratica a porneia), e nenhum *akartartos* (palavra grega que faz referência ao que não foi purificado, que permanece na sua impureza física sexual) entrará no reino de Deus (v. 5).

As impurezas devem ser rejeitadas não somente na prática, mas, também, nas conversações. O apóstolo Paulo diz que obscenidades, imoralidades (*aiscrites* em nossas versões está traduzido por torpezas), nem conversas tolas, nem gracejos, nem jocosidade ligada à libertinagem, devem, também, ser nomeada entre os crentes, na igreja de Cristo.

Já que estamos estudando sobre imitarmos Deus, devemos lembrar que por causa da libertinagem, da pornéia existente em Sodoma e Gomorra, Ele as destruiu; que por causa da pornéia Deus entregou os seres humanos às conseqüências de suas próprias paixões (lembrando novamente Romanos 1); e, também, devemos observar que as palavras de Deus são sempre sérias, isentas de imoralidades e pecados. Qual o crente que poderia imaginar Deus contando piadas indecentes, debochando de tudo e de todos, sendo leviano com as coisas que ele próprio criou, dentre as quais está o sexo?

2. Devemos rejeitar a ganância (v. 5). A palavra utilizado pelo apóstolo Paulo é *pleonektes*, que faz referência a uma pessoa ávida por ter cada vez mais, gananciosa, que tem amor ao dinheiro. Interessante que isso é apontado como idolatria, e é verdade porque o ganancioso faz do dinheiro e dos bens materiais o seu Deus. Jesus ensinou que seus discípulos não devem servir a dois senhores e que é impossível servir a Deus e às riquezas (Mt 6.24). Interessante que ele ensinou que não devemos servir às riquezas, ao dinheiro. Ele não ensinou que não devemos ser operosos e que não devemos procurar ganhar o nosso sustento. Ele ensinou que não pode haver uma inversão de valores. O dinheiro dever servir ao homem e não o homem servir ao dinheiro. Talvez por isso o Senhor Jesus tenha dito que é mais fácil um camelo passar pelo fundo de

atenção, sempre apresentarão em determinados momentos atitudes quase que idênticas às dos seus pais. Isso é natural. Nascemos gerados por eles, trazemos uma carga genética deles, trazemos uma carga psicológica deles, apreendemos comportamentos deles através da vivência.

Espiritualmente também deve ser assim. Se fomos feitos filhos de Deus devemos andar, viver como ele vive, principalmente na prática do que é a sua essência, amor. Deus é amor. Em dois textos da sua primeira carta o apóstolo João aponta para essa realidade de Deus. Ele diz assim: “Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor.” (1 João 4:8); “E nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós. Deus é amor, e aquele que permanece no amor permanece em Deus, e Deus, nele.” (1 João 4:16) Ora, se conhecemos a Deus e conhecemos como filhos, devemos amar; e invertendo o versículo 16 porém mantendo o seu significado, se permanecemos em Deus, permanecemos no amor. Quando um crente deixa de ser imitador de Deus a primeira coisa que acontece em sua vida é deixar de amar. Pode dizer que ama a Deus, pode dizer que ama ao seu semelhante, mas não ama realmente. Só fala, mas não vive em amor.

Outro aspecto que o apóstolo Paulo chama a atenção é para o fato de que o nosso padrão de amor é o amor que o Senhor Jesus manifestou por nós mesmos, sacrificando-se por nós, entregando-se voluntariamente para morrer por nós, para que pudéssemos ter a vida eterna.

II. DEVEMOS SER IMITADORES DE DEUS REJEITANDO COMPORTAMENTOS QUE ELE REJEITA v. 3-21

Em Deus não pode existir pecado e Deus não tolera o pecado. Creio que muitos não querem pensar nisso, mas Deus é intolerante com o pecado. Ele é paciente, misericordioso com o pecador, mas ele não se conforma com o pecado. E quando, conhecendo os corações, sabe que uma pessoa ama mais ao pecado do que a Ele, abandona a pessoa às suas próprias paixões e concupiscências (Romanos 1.24-32). Como nós, sendo seus filhos, nascidos de novo, herdeiros do seu reino através da adoção em Jesus Cristo, poderemos agir de maneira diferente, amando e praticando o pecado? Ao contrário devemos condená-lo em nós mesmos, procurando viver em santificação, em imitação ao Pai. O apóstolo Paulo aponta pecados e comportamentos que não são conforme o caráter de Deus.

1. Devemos rejeitar as impurezas sexuais (v. 3). O alerta do apóstolo é amplo pois ele se utiliza de duas palavras no grego que denotam profunda depravação sexual. A primeira é *porneia* traduzida em algumas versões por *prostituição* e em outras por *impudícia*, mas que tem alcança significado muito maior que prostituição que seria a venda do corpo para prática sexual, ou

II. A UNIDADE DA IGREJA É UMA DAS REALIDADES DO EVANGELHO DE JESUS CRISTO - v. 4-10

O evangelho de Jesus é um conjunto de fatos determinados e providenciados por Deus que se tornaram realidades físicas ou espirituais no seio da humanidade. Este conjunto forma um todo à partir de várias outras unidades, a saber:

a) Um corpo - todos os salvos, em todos os lugares, são o povo de Deus, a família do Senhor Jesus Cristo. Não há separações. O povo de Deus é uma unidade.

b) Um Espírito - O Espírito Santo é um só e foi por ação dele que todos os salvos, em todos os tempos e lugares, foram convencidos do pecado, da justiça de Deus e do juízo estabelecido por ele. Foi, também, através do Espírito Santo que todos foram iluminados pela Palavra de Deus que foi, também inspirada por Ele. Além disso, foi também pelo mesmo Espírito que todos os crentes em Cristo foram regenerados e receberam a nova vida em Cristo.

c) Uma esperança - O evangelho apresenta uma só esperança a todos quantos se dispõem a crer em Jesus Cristo: a salvação. Outras esperanças são invenções humanas, que nunca foram garantidas pelo Senhor Jesus.

d) Um Senhor - Jesus Cristo é único e ele é o Senhor de todos quantos creram nele entregando suas vidas em suas mãos. Foi ele quem pagou o preço pelo pecado do crente, resgatando-nos e tornando-se o nosso Senhor.

e) Uma fé - Só existe um tipo de fé que faz de uma pessoa uma nova criatura, que permite que uma pessoa seja morta com Cristo e ressuscitada com ele para uma nova vida. É a fé que nos faz povo de Deus, é a fé que nos faz membros da igreja de Cristo, é a fé que nos faz crentes na salvação concedida por Deus.

f) Um batismo - Só existe um batismo bíblico, estabelecido pelo Senhor Jesus, ao qual todos os que creram de fato foram submetidos. É a imersão daquele que entrega a sua vida a Jesus Cristo para que este o salve concedendo-lhe a vida eterna e que, entregando a vida ao Senhor Jesus, se submete ao ato que exterioriza para ele a fé que existe no coração.

Atualmente alguém poderia dizer que não existe mais um só batismo. E teria razão porque quando a carta foi escrita ainda não existiam outros tipos de batismo inventados por homens, tais como batismo por aspersão, ou batismo por afusão, ou batismo para o recebimento de bênçãos, ou batismo para ingresso em um sistema religioso. Por isso o apóstolo Paulo pode

escrever que havia um só batismo. Além disso cabe aqui uma lembrança bem propícia: Um dos elementos de quebra de unidade entre igrejas que se denominam cristãs foi exatamente a diversidade de batismos, tanto na forma quanto no significado, que começou logo a existir entre as igrejas a partir do terceiro século.

g) Um Deus - Qualquer crente em Jesus Cristo se preocupa em adorar ao único Deus, o Deus verdadeiro, o Deus Pai. Qualquer crente em Jesus Cristo ora ao Deus que amou tanto o mundo que deu o seu único Filho para nos salvar. Não conseguimos crer em outros deuses, não conseguimos adorar a outros deuses, não conseguimos orar a outros deuses.

Fazendo parte de tantas unidades, é impossível que a igreja de Cristo não seja uma unidade também. Se deixar de ser uma unidade, deixa de ser igreja de Cristo porque estará sinalizando para o fato de que deixou para trás um destes ou todos estes elementos aos quais o apóstolo Paulo faz referência.

III. A UNIDADE DA IGREJA É GERADA POR DIVERSIDADES

- v. 7-16

Esta afirmativa parece estranha, mas é uma realidade. Existem dons diferentes, concedidos a pessoas diferentes, que corroboram para a unidade da igreja. São dons concedidos graciosamente (v. 7) em uma medida de libertação universalizada. O Senhor levou consigo o cativo e no lugar do cativo concedeu dons (v.8); o Senhor que antes de subir para o lugar de onde saiu, submeteu-se a descer tornando-se homem para levar consigo o cativo (v. 9,10), manifestando o seu amor e, conseqüentemente, a concessão de dons pelo seu próprio mérito e para os seus próprios objetivos.

Objetivos de concessão de dons que são apontados pelo apóstolo Paulo (v. 12-16): **a) aperfeiçoamento dos santos** - v. 12; **b) serviço para edificação da igreja** até a unidade da fé; ao conhecimento do Filho de Deus; à medida da estatura completa de Cristo (v. 13); **c) firmeza diante dos ventos de doutrinas** que vêm pelo engano de homens astuciosos e fraudulentos; **d) crescimento em Jesus Cristo** que é a cabeça da igreja e ao qual todo o corpo deve estar bem ajustado (Jesus é o elemento de unidade) e ligado para que, através de uma operação perfeita o corpo possa aumentar para sua própria edificação em amor.

Concluimos, então, que a unidade da igreja é uma realidade particular da realidade maior que é o evangelho de Jesus Cristo e que ela é vinculada às atitudes individuais de cada crente em Cristo e, acima de tudo, aperfeiçoada através da operação do Espírito Santo que concede dons, em nome do Senhor Jesus, a todos quantos crerem nele como Salvador e Senhor e que visa o crescimento da família de Deus, das igrejas de Cristo, para glória do próprio Deus.

Estudo 8

A SANTIFICAÇÃO ATRAVÉS DA IMITAÇÃO DO PADRÃO PERFEITO

Efésios 5.1-14

A ênfase de toda a Carta aos Efésios é a vivência da nova vida que foi gerada no crente em Cristo por ter recebido a dádiva da Salvação como uma graça imerecida que veio de Deus gratuitamente.

A vivência dessa nova vida tem que ser completamente diferente da vida que o crente praticava antes de se converter a Jesus Cristo e, logicamente, diferente da vida daqueles que rejeitam o Filho de Deus e que, por isso, têm os seus entendimentos obscurecidos pelas trevas do pecado.

No texto que estudamos anteriormente o apóstolo apresenta a necessidade da unidade na igreja, o que é uma vida de santificação, em torno do próprio Senhor Jesus e apresenta várias práticas que não devem tomar lugar na vida do crente em Cristo e, logicamente, na igreja do Senhor Jesus.

Agora, neste texto que estudaremos, ele passa a apresentar um padrão fiel, perfeito, que precisa ser imitado pelo crente para que possa, de fato, viver uma vida de santificação. Naquele tempo já existiam na igreja pessoas que desejavam ser imitadas, que desejavam se colocar como padrão de comportamento, que desejavam estabelecer comportamentos religiosos para a igreja que não era deles, mas de Cristo.

Esse padrão perfeito é o próprio Deus Pai. O Deus criador de todas as coisas, o Deus que gerou de si mesmo o Filho, que enviou ao mundo para nos salvar, o Deus cujo Espírito Santo é o seu Espírito. O pensamento do apóstolo é corretíssimo: Se queremos ser separados para Deus, se queremos nos santificar de fato, precisamos ter a sua pessoa como nosso padrão de sentimentos e comportamentos.

A partir desse pensamento o apóstolo desenvolve argumentos que nos mostram o motivo pelo qual devemos ser imitadores de Deus e como devemos ser seus imitadores.

I. DEVEMOS SER IMITADORES DE DEUS PORQUE SOMOS SEUS FILHOS v. 1,2

Quando cremos em Cristo fomos feitos filhos de Deus. Os filhos imitam os pais genética e psicologicamente. Sempre imitam. Até mesmo os filhos que fazem esforço para não parecerem com seus pais, quando são observados com

Mas, na nova vida em Cristo, somos selados com o Espírito Santo. Ele está em nós até o dia da redenção. Ao contrário do que muitos ensinam, ele não nos deixa quando pecamos, mas ele se entristece. E quando ele se entristece, perdemos a alegria da salvação e perdemos a capacidade operacional na vida cristã.

6) A amargura - É um sentimento desenvolvido a partir da falta de perdão, ou de uma visão distorcida a respeito de determinados acontecimentos de um irmão para conosco. Faz parte do velho homem porque o crente em Cristo deve estar sempre pronto a perdoar.

7) As gritarias - Creio que aqui o apóstolo Paulo tanto está falando de gritarias em discussões pessoais quanto a gritarias em desordens da igreja, até mesmo em momentos de culto. Tudo isso faz parte do homem sem Cristo.

8) As blasfêmias - Aqui temos uma transliteração de uma expressão grega que significa *calúnia, difamação, discurso injurioso contra o bom nome de alguém*. Caluniar é mentir, mas é mentir contra o bom nome de uma pessoa. Como pode haver unidade na igreja se houver no seu seio pessoas caluniadoras? Como o crente pode viver a nova vida em Cristo estando pronto a levantar ou disseminar calúnias contra algum irmão? Como pode emitir palavras contra o bom nome de alguém? Com que objetivo faria isso? Realmente é um comportamento de quem está nas trevas, de quem vive no pecado.

Podemos concluir este estudo do capítulo 4 da carta aos Efésios compreendendo que a unidade na igreja é essencial para o bom nome do evangelho de Jesus Cristo; que é essencial para o crescimento do corpo de Cristo e que é essencial, também, para que possamos aprender mais do Senhor Jesus Cristo. Que essa unidade deve existir mesmo com a diferença individual de cada crente e que essas diferenças são aproveitadas pelo Espírito Santo que concede diferentes dons a cada crente.

Também podemos concluir que a santificação do mundo com seus pensamentos pervertidos pelo pecado e a renovação da nossa mente colocando-a à disposição voluntária do Espírito Santo para que possamos aprender mais de Cristo, juntamente com o despir do velho homem e o revestimento do novo homem, são fatores eficientes e indispensáveis para que possamos viver em união, crescendo, e testemunhando do amor de Cristo a todos quantos ainda não têm a salvação.

Estudo 7

A UNIDADE DA IGREJA: *A santidade como elemento essencial*

Pelo teor do quarto capítulo da carta podemos perceber que havia dissensão naquela igreja. Por um lado as disputas que dividiam a igreja eram causadas pelos judeus que, como já estudamos, procuravam obrigar os gentios, de todas as maneiras, a se submeterem à Lei de Moisés, principalmente à circuncisão tornando-se judeus também. Por outro lado eram causadas por comportamentos dos gentios convertidos que ainda tinham alguns costumes não condizentes com a crença em Jesus Cristo, com a nova vida que receberam do Senhor Jesus.

A falta de unidade fazia com que a igreja experimentasse uma espécie de raquitismo e uma fraqueza espiritual, juntamente com uma conseqüente inconstância nas doutrinas dos apóstolos, pois os dons do Espírito Santo não eram utilizados a contento, dando lugar ao engano praticado por homens astutos e fraudulentos que se imiscuíam no seio da igreja. Isso seria corrigido através do ensino dos apóstolos, da anunciação da Palavra de Deus, da pregação do evangelho autêntico de Jesus Cristo, da condução das ovelhas pelo caminho de Cristo e pelo ensinamento. Note-se que o apóstolo faz referência aos dons do apostolado, da profecia, da evangelização, do pastorado e do ensino, que são essenciais para que os crentes adquiram um conhecimento verdadeiramente cristão e se firmem no evangelho de Jesus Cristo.

Para que dessem lugar aos ensinamentos firmando-se na nova vida em Cristo e para que experimentassem a unidade do corpo de Cristo, tão essencial para o crescimento, precisavam assumir atitudes pessoais, para as quais o apóstolo Paulo aponta.

I. DEIXAR PARA TRÁS A VAIDADE DOS PENSAMENTOS DO MUNDO SEM CRISTO - v. 17-19

Este é o primeiro passo que o crente deve dar para viver realmente a nova vida em Cristo. Tentar viver como crente em Cristo e tentar viver, ao mesmo tempo, conforme os que não têm Cristo, é viver conforme os que são:

a) Entenebrecidos no entendimento - Ou seja, com o entendimento obscurecido pelas trevas. O mundo inteiro jaz no maligno e, conseqüentemente os seus pensamentos são pensamentos marcados pelas trevas do pecado.

b) Separados da vida de Deus - Pertencem a outra realidade de vida, distanciada de Deus pelo pecado. Vivem separados da vida de Deus tanto pela ignorância quanto pela dureza dos corações. Ou seja, a realidade é mesma, tanto por um motivo quanto pelo outro.

c) Sem sentimentos de pureza - A natureza de pecado fez com que perdessem todo o sentimento de moral, de pureza segundo o padrão de Deus e, por isso, se lançaram na vida de pecados, cometendo todo tipo de impureza.

Como poderia uma pessoa convertida, salva por Jesus Cristo, regenerada, viver segundo a mente dessas pessoas, segundo mentes cujos pensamentos são vaidosos, passageiros, perecíveis?

II. APRENDER DE CRISTO - v. 20,21

Pode-se perceber com facilidade e exatidão que o apóstolo Paulo centraliza toda a vida cristã no Senhor Jesus Cristo. Foi ele quem nos abençoou com todas as bênçãos espirituais; é ele quem é o fator de escolha para a salvação e para a nossa adoção como filhos de Deus; é o padrão através do qual fomos feitos agradáveis a Deus, é o elemento central que congrega todas as coisas em si, em todo o universo, em quem estamos após crermos nele, quem é a cabeça da igreja, em quem fomos vivificados, em quem fomos criados, quem é a nossa paz, é quem nos dá acesso a Deus e é a nossa principal pedra de esquina.

Ora, como poderia haver vida cristã sem aprendermos de Cristo? De fato isso seria impossível. Mas para aprendermos precisamos de dois elementos essenciais: Dar ouvidos e ser ensinados. Isto significa que se alguém realmente deseja viver em santidade, precisa valorizar os ensinamentos de Cristo e se dispor a receber os ensinamentos dando ouvidos.

III. DESPOJAR-SE DO VELHO HOMEM - v. 22

Fomos feitos novas criaturas em Jesus Cristo, fomos ressuscitados com Cristo, mas a nossa natureza de pecado ainda permanece em nós até o dia da redenção (daí precisarmos do selo do Espírito Santo até aquele dia). Somos seres com livre arbítrio e precisamos querer deixar as coisas velhas para trás. Por isso o conselho do apóstolo Paulo é tão pessoal: “Não andeis mais como andam também os outros gentios...”(v. 17). A responsabilidade de deixar

para trás o que é velho e viver o que é novo é do próprio crente. Mas não é bastante se despojar do velho homem. Isso nos faria cair em um vazio e viveríamos para nada, sendo nada. É necessário que o crente, em deixando o velho homem, tenha duas atitudes imediatas:

a) Se renovar no espírito da mente (v. 23) - Em Rom. 12.2 o apóstolo Paulo ensina que não devemos nos conformar com este mundo, mas que devemos nos transformar pela renovação do nosso entendimento. No grego, a palavra que é traduzida por mente é *nous* que significa “*mente, incluindo igualmente as faculdades de perceber e entender bem como a habilidade de sentir, julgar, determinar*”. Isto significa que as nossas percepções, nossas compreensões, nossas habilidades de sentir, julgar e determinar devem ser renovadas conforme os ensinamentos de Cristo.

b) Se revestir do novo homem (v. 24). Um novo homem que foi criado por Deus em verdadeira justiça e santidade, mas que precisa ser tomado como posse. Ou seja, ao mesmo tempo que o crente deixa para trás o velho homem, gerado no aprisionamento e deterioração do pecado, ele precisa “vestir” o novo homem, criado por Deus em justiça e santidade.

Objetivamente, como o crente pode deixar o velho homem? Deixando as suas manifestações, dentre as quais o apóstolo Paulo destaca algumas que são concernentes ao nosso relacionamento com nossos irmãos e que nos impedem de viver em harmonia, em união como corpo de Cristo:

1) A mentira - O diabo é o pai da mentira e o crente precisa dar lugar à verdade, cuja essência está em Deus que não pode mentir. Mentir para um irmão é trair o próprio corpo. Somos membros uns dos outros e precisamos viver em harmonia, sem mentiras, sem enganos.

2) A ira enraizada - A ira com justiça é natural. Somos criados à imagem e semelhança de Deus e ele próprio se ira. No entanto, deixar a ira se enraizar, se alojar no coração, faz com que pequemos e, conseqüentemente, estejamos dando lugar ao diabo.

3) O furto - O furto é manifestação de desrespeito ao irmão, de falta de amor, de egoísmo. Por isso o apóstolo aconselha para que o crente trabalhe para que possa **dividir** com os necessitados.

4) A palavra torpe - As palavras saem do coração antes de saírem da nossa boca. Ao contrário, se desejamos viver como crentes em Cristo, devemos procurar proferir palavras que sirvam para a edificação dos nossos irmãos.

5) Atos que entristecem o Espírito Santo - Na vida sem Cristo não há a presença do Espírito Santo e há uma realidade de separação da vida de Deus.